MUNDO MISTURADO, MUNDO À REVELIA: SOBRE A VIOLÊNCIA NO *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, DE GUIMARÃES ROSA

Patricia Carmello
Universidade Federal do Rio de Janeiro
pscarmello@gmail.com

Citação recomendada || CARMELLO, Patricia (2012): "Mundo Misturado, Mundo à revelia: sobre a violência no *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa" [artigo online], *452ºF. Revista eletrónica de teoria da literatura e literatura comparada*, 6, 92-104, [Data de consulta: dd/mm/aa], <http://www.452f.com/pdf/numero06/06_452f-mono-patricia-carmello-orgnl.pdf>
Ilustração || Mar Olivé
Artigo || Recebido: 21/06/2011 | Aceite pela Comissão Científica: 15/11/2011 | Publicado: 01/2012
Licença || Reconhecimiento-Não comercial-Sem obras derivadas 3.0 License

Resumo || A análise da violência no romance de Guimarães Rosa *Grande Sertão: veredas* revela referências aos conflitos históricos brasileiros da época, situados entre a cidade e o campo, o governo e a população do interior do país, os Vencedores e os Esquecidos da história. Além disso, o tema da violência surge numa tensão entre uma memória *que não passa*, relacionada ao recalque, e *a pobreza da experiência* do que não vale a pena ser lembrado.

Palavras-chave || Teoria literária | Guimarães Rosa | violência | memória.

Abstract || The analysis of violence in Guimarães Rosa's novel *Grande Sertão: veredas* reveals references to the Brazilian historical conflicts of that time, situated between town and country, the government and people of the country, the Winners and the Forgotten people of history. Furthermore, the theme of violence comes at a tension between a memory not forgotten, related to the repression, and the *poverty of experience* that's not worth remembering.

Keywords || Theory of Literature | Guimarães Rosa | violence | memory.

O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?
João Guimarães Rosa

Em plenos anos cinqüenta —marcados pelo projeto desenvolvimentista do então presidente Juscelino Kubitscheck, pelo lema *cinqüenta anos em cinco*, que encontrou seu clímax na construção da capital Brasília, localizada estrategicamente no centro do país, pelo intenso crescimento das cidades— é curioso como o olhar de Guimarães Rosa volta-se para os esquecidos da história. E quem seriam eles? Toda a sua obra é construída por personagens rurais, de um Brasil interior e arcaico, habitantes de pequenos vilarejos, fazendas, taperas isoladas no meio do mato ou ribeirinhas. São loucos, como no conto «Sorôco, sua mãe, sua filha» (Rosa, 1988), estranhos, como em «A Menina de Lá» (1988), e mais uma série de peões, mestiços, jagunços, bandidos, prostitutas (Starling, 1999: 16).

Em poucas palavras, são figuras do desterro e do desamparo, como Miguilim (Rosa, 2001a), que termina a saga de infeliz infância sendo levado pelo moço, para morar na cidade... São representantes dos que ficaram mantidos *à margem da história*, não por acaso, livro de Euclides da Cunha (2005a), também autor de *Os Sertões* (2005), ambos títulos com os quais Rosa dialoga através dos temas do exílio, do ser estrangeiro em meio a uma natureza oculta e exuberante, bem como através da referência à história de Canudos. Entretanto, o *Grande Sertão: veredas*[1] reúne em um mesmo universo todos estes seres à margem como restos, resíduos a quem o Brasil modernizado não concedeu lugar apropriado (Starling, 1999: 16), para transformá-los, na ficção, em protagonistas principais da *outra* estória.

Sendo assim, é preciso destacar a forma como aparecem, no romance de Rosa, as referências à história do país, não como fatos isolados, mas como fragmentos, sempre atrelados à subjetividade de alguém que recorda: o ano de 1979 consta da lembrança de Selorico Mendes sobre a invasão de Januária e Cariranha, e a passagem da coluna Prestes é evocada através do testemunho do narrador que, a respeito do acontecimento histórico, conta o que dele pode restar: «Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas» (Rosa, 2001: 114).

Aqui, o que prevalece não está na ordem de uma pretensa objetividade do *fato em si*, mas sim neste olhar crítico diante de um contexto específico, que surge na ficção através das recordações do narrador e de outros personagens, como resíduos, pedaços de um Brasil, dissolvidos entre lacunas e elementos da fantasia, como o narrador descreve, melhor do que ninguém, quando se afirma incapaz de narração: «retrato de pessoas diversas, ressalte de conversas tolas,

NOTAS

1 | Daqui por diante, o romance será citado como *GSV*, a fim de evitar citações repetidas.

coisas em vago...» (Rosa, 2001: 221).

A visão do escritor sobre seu tempo traz a concepção de Walter Benjamin sobre a história, que propõe uma reescrita do passado, cujo objetivo seria «escovar a história a contrapelo» (Benjamin, 1986: 225), apontada pelo filósofo como tarefa do historiador materialista, distinta do historicista (aquele que vê na história uma cadeia linear de fatos), pois evita estabelecer uma relação de empatia com os vencedores da história, e busca, através deste passado esquecido e vencido, «despertar no passado as centelhas da esperança» (1986: 224).

A tarefa do historiador envolve, de acordo com Benjamin, uma temporalidade que conjuga os três tempos, onde o passado traz uma ligação com o presente e o futuro, sendo visto pela Jeanne Marie Gagnebin (1982) como o *futuro do passado*, daquilo que teria podido acontecer, ou que requer retirar do esquecimento: «aquilo que teria podido fazer da nossa história uma outra história» (1982: 60). Ao revolver deste modo a história do país, Guimarães Rosa compartilha da visão apontada por como sendo comum a Benjamin, Freud e Proust (embora cada um a desenvolva a seu modo): «da mesma convicção de que o passado comporta elementos inacabados; e, além disso, que aguardam uma vida posterior, e que somos nós os encarregados de fazê-los reviver» (1982: 71).

Certamente, as imagens inequívocas do *cortejo triunfal da história* no romance de Rosa se encontram no triplo avanço da marcha das cidades, do progresso, e da *máquina do governo* sobre o sertão: «Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?» (Rosa, 2001: 183). Conflito que o escritor reformula através desta construção formal específica, na qual à afirmação segue-se outra interrogação não respondida, e que produz como efeito um corte ou uma suspensão no discurso do avanço do progresso[2], colocando em relevo a dialética e o movimento inerente ao processo de choque entre a cidade e o campo, ao conflito armado entre a lei do governo e a lei do sertão, à guerra entre soldados e jagunços, expondo o ponto de vista dos últimos em relação aos primeiros:

> Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado? (Rosa, 2001: 319).

Através deste olhar crítico do narrador, lê-se um misto de utopia e crítica em relação ao processo de modernização vigente na época, pois Riobaldo também sonha com a *cidadania* só possível numa cidade projetada numa *terceira margem*, mais justa que o sertão e

NOTAS

2 | Leyla Perrone-Moisés fala na suspensão do discurso do narrador no sentido do corte lacaniano, que aponta para a ausência de sentido, a possibilidade de criação novos sentidos, no final do conto «Lá, nas Campinas», citando Rosa: «Mas não acho as palavras» (Perrone-Moisés, 2000: 278).

que a cidade que o atropela: «mas eu tinha raiva surda das grandes cidades que há, que eu desconhecia. Raiva —porque eu não era delas, produzido...» (Rosa, 2001: 533). As imagens críticas falam de uma promessa que não chegará ao sertão, de trens que não virão e do contraste entre a falta de pontes e a cidade na qual *o senhor* vive: «no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim» (2001: 118).

Se cada época guarda um segredo, como soube dizer Benjamin (1986: 40), o autor constrói, na ficção, a reescrita da história, revelando, pelo avesso, alguns segredos perdidos pelo discurso desenvolvimentista do período, como a violência nos embates entre o campo e a cidade, o conflito entre o arcaico e o moderno, a marcha de um crescimento desigual e a ausência de diálogo entre os personagens do interior do país e a *máquina distante* do governo.

A despeito da crítica repetidamente manifestada pelo narrador ao descrever os detalhes das guerras, equiparadas por ele à dimensão objetiva da vida, e que não merecem ser relembradas «Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos» (Rosa, 2001: 245), as lembranças de guerra efetivamente compõem seu relato: «o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração —dou o tampante, e o que for— de trinta combates. Tenho lembrança» (2001: 245). E ele não poupa nem a si mesmo quando se trata de admitir os próprios crimes, incluindo os dois estupros que cometeu (2001: 189), desaprovando, contudo, a violência já na época, como demonstra ao compartilhar o sonho de sertão pacificado de seu amigo Zé Bebelo: «A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça» (2001: 147).

Sobre este ponto, é preciso frisar que, considerando a questão do *olhar* do escritor sobre estes personagens, ao inserir na história o ponto de vista dos jagunços, o texto não incorre numa visão ingênua; tampouco caracterizar o olhar do escritor como *sensível* significa propor que ele os transforme em simples vítimas da violência:

> Remorso? Por mim, digo e nego. Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, [...]. Comprou-se para ele, então, uma boa perna-de-pau. Mas, assim, talvez por se ter sacolejado um pouco do juizo, ele nunca mais quer sair de casa, nem se levanta quase do catre, vive repetindo e dizendo: «Ái, quem tem dois tem um, que tem um não tem nenhum...» Todo o mundo ri. E isso é remorso? (Rosa, 2001: 233).

Adecisão exposta entre *narrar a guerra* ou *narrar as coisas importantes* parece insinuar, além de uma desvalorização das lembranças de guerra, cujo conteúdo é esvaziado de valor, uma diferença que desvincula a memória da noção de realidade factual, pois o que fica

na memória como trauma pode estar, ou não, relacionado à guerra. É inegável, contudo, que a violência se articula com a problemática do Mal e, sobretudo, se inscreve também como trauma, relacionado a algo que se produz como um excesso[3], que sempre escapa à representação e à lembrança: «porque o extenso de todo sofrido se escapole da memória» (Rosa, 2001: 418), levando o ex-jagunço a duvidar da possibilidade de esquecimento do que é relacionado ao Mal:

> Informação que pergunto: mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como? O senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da idéia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio (Rosa, 2001: 37).

Mundo misturado, mundo à revelia

Desta forma, a violência atravessa o texto por inteiro, trazendo de volta nossos conflitos esquecidos entre o campo e a cidade, a lei urbana e o costume do sertão. A violência inscreve-se no texto de Rosa entre o traumático e o banal, a ficção e a história, e ainda entre o que deve ser lembrado ou esquecido. O crítico José Miguel Wisnik aponta na raiz da violência que perpassa a obra do escritor uma especificidade da cultura brasileira, circunscrita em torno de uma dupla ou (dobra) da ausência da lei, e que se refere, não somente ao acaso e à insuficiência na origem de toda lei, mas à ausência de uma lei que «não faz sentido na formação ancestral brasileira» (Wisnik, 2002: 184) e que merece ser pensada, portanto, em sua singularidade.

No rastro das formulações de «As idéias fora do lugar», de Roberto Schwarz (1977), e das contradições abordadas em *Raízes do Brasil* (Holanda, 1995), haveria algo na história do Brasil que se repete e permanece como um enigma, «entre a violência e a retórica» (Wisnik, 2002: 184), onde a tentativa de instauração de uma lei comum, capaz de impor limites à força bruta, convive lado a lado com a *lei do mais forte* do sertão: «Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias» (Rosa, 2001: 35).

O ponto de partida de Wisnik é o conto de Guimarães Rosa «Famigerado», de *Primeiras Estórias* (1988), no qual a violência —diferentemente do *GSV*— comparece como ameaça não concretizada, mas onde novamente um jagunço, do sertão, busca junto ao letrado, homem da cidade, um sentido que lhe esclareça uma palavra ou uma experiência. O ensaio se concentra na questão desta passagem do sertão à cidade, da *ausência de lei* do sertão à *lei que falta* da cidade brasileira, através dos (des)entendimentos em torno do sentido da palavra *famigerado*, que constitui o enredo

NOTAS

3 | Em «Além do Princípio do Prazer», encontra-se tanto a idéia do excesso como a de uma fixação do sujeito no trauma, na proposição retomada por Freud, de que «os histéricos sofrem principalmente de reminiscências» (Freud, 1976: 24).

do conto.

Na pergunta desafiante do jagunço Damázio —que vai da Serra do São Ão até a cidade, para interrogar o médico, o narrador da história, sobre o sentido da palavra *famigerado*, dirigida ao jagunço por um insensato moço do governo— se assinalam, com humor, as «armas desiguais» (Wisnik, 2002: 181) de um e outro: «um homem cuja linguagem é a da faca e a da bala está suspenso pelo fio sutilíssimo de uma palavra, podendo no entanto, e a qualquer momento, cair matando» (2002: 181). Estabelecida a tríade entre o jagunço, o homem culto e o moço do governo, o que ali se delineia é o lugar intermediário do intelectual e das idéias em nossa história, entre o *poder da bala* e o poder político, lugar que poderia ser de mediação de um acordo comum, que fornecesse o solo simbólico de uma lei capaz de assegurar limites à barbárie.

O duelo é lido à luz do primeiro e do último conto do livro, «As Margens da Alegria» (Rosa, 1988) e «Os Cimos» (1988), nos quais, excepcionalmente, o cenário rural privilegiado por Rosa se inverte, e o personagem principal, o Menino, viaja para o «lugar onde se construía a grande cidade» (1988: 7), numa referência à construção de Brasília, inaugurada em 1960, dois anos antes da publicação dos contos. O diálogo se passa, assim, num cenário situado no centro do conflito, com todas as contradições que envolveram o projeto de construção, símbolo de um programa modernizador que leva a cidade ao centro do interior do país e faz dela a sede do poder político.

A escolha do campo como cenário privilegiado dos escritos de Rosa também revela um local onde historicamente, no Brasil, desde a Guerra de Canudos, desenvolveram-se conflitos violentos, envolvendo populações numerosas, o que contraria nossa auto-imagem de «um caráter pacífico e ordeiro» (Grynzpan, 2002: 154). A temática daqueles contos persiste no *GSV* e, para Wisnik (2002), consiste numa melancolia relacionada a uma passagem *traumática* do arcaico ao moderno em nossa história, a algo de não simbolizado aí, que daria origem ao *mundo misturado*, surgido justamente do lamento de Riobaldo em *demarcar os pastos*, ou seja, separar o bem e o mal (Rosa, 2001: 237):

> Mas o que se decanta nesses contos é mais um trabalho de luto, nem apologético nem saudosista, onde a saudade é mais funda e inclui o futuro —o desígnio irresolvido que persiste na mudança. A questão aqui não é a passagem sucessiva do arcaico ao moderno, mas a persistência de um no outro (Wisnik, 2002: 179).

Melancolia —é preciso dizer— assim como no *GSV*, «à qual não se entregam» (Wisnik, 2002: 179) os personagens, e que não

exclui a experiência da alegria, embora esta apareça *à margem*, ou *intermitente*, como a luz do vaga-lume no final do conto, de acordo com o crítico. Em «Famigerado», Rosa trata com humor a ambigüidade de sentido da palavra presente na origem de toda significação, isto é como o uso de uma palavra pode derivar no sentido oposto ao seu sentido original, tal como propõe Freud (1970; 1988). Ambigüidade que, associada a outras contradições do contexto histórico brasileiro, permanece como duplicidade não resolvida. Pois a palavra, apartada da experiência desde nossas origens, desliza, frágil, ao longo de uma cadeia de associações: «fasmisgerado... faz-me gerado... falmisgerado... familhas-gerado...» (Rosa, 1988: 15).

Ao passar, porém, da tentativa de atribuir um sentido neutro ao termo para o elogio, ocultando o provável sentido negativo em que foi pronunciada: «Famigerado? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito» (1988: 16), o homem culto reitera esse (literal) estado de coisas, no qual a palavra passa a valer como ornamento, destituída de sentido prático (Schwarz, 1977), a inteligência se torna «decorativa» (Holanda, 1995: 84), e a eloqüência diz o que o mais forte deseja ouvir... Saída na forma de uma *formação de compromisso*, encontrada pela inteligência em nosso passado histórico que, a fim de conciliar duas exigências opostas (sair com vida do episódio e esclarecer o homem simples, dizer a verdade), mantém no recalque, no esquecimento, a violência implícita na situação, numa espécie de paródia à história de nossas *idéias fora do lugar*.

Implícito nesta formulação está, também, o conceito elaborado por Lacan de «foraclusão» do Nome-do-Pai, da instância da lei, próprio da estrutura psicótica, e que (simplificadamente) faz com que a palavra, ao não se inscrever simbolicamente, retorne do real na forma de delírios e alucinações, levando, para a psicose, ao estado em que a palavra passa a ser tratada em seu valor de *coisa*, o que se verifica, por exemplo, na certeza irredutível, opaca, das construções delirantes (Lacan, 2008). Algo próximo do que estes estudos sociológicos apontam: na formação da cultura brasileira, o valor da palavra é deslocado para o ornamento, o enfeite; o que o pensamento hesitante de Damázio, parece indicar, como mostra Wisnik, ao final do conto, cogitando numa extradição da autoridade, encarnada no moço do Governo: «Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo era ir-se embora, sei não» (Rosa, 1988: 17).

E, ainda, a respeito da *formação de compromisso* efetuada pelas idéias em nossa cultura, Sérgio Buarque de Holanda mostra como a cordialidade, a *doçura*, irá se desenvolver como traço de caráter nacional desde os engenhos de açúcar, tendo, na origem, o *caldo* onde se misturaram a herança ibérica e africana, diante da escravidão. Nesta ótica, a cordialidade admite a violência para não

sucumbir à mesma, ocultando-a (Holanda, 1995: 61).

Nos contos que evocam Brasília, esta não-mediação simbólica, da linguagem, é percebida pelo olhar do Menino, entre o mundo da natureza e a chegada da civilização, entre a «incessante alegria» (Rosa, 1988: 9), o *transbordamento* da natureza, na «paisagem de muita largura» (1988: 9) concentrada na visão do peru, e a descoberta do Mal encarnado «no mundo maquinal, no hostil espaço» (1988: 10) do campo de obras do aeroporto, «entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia.» (1988: 10).

Haveria, portanto, na origem da formação social brasileira, uma falha ou ausência de um corte simbólico que, através da linguagem, da mediação, operasse uma distinção na experiência, e que, ao não se efetivar, retorna como violência em ato, não-simbolizada, o que levaria a que a lei e o crime, a polícia e o bandido, o público e o privado, passem a ser vivenciados como o mesmo, e fazendo com que, ainda hoje, a lei da cidade se aproxime da *lei da selva*...

Em «As margens da Alegria» (Rosa, 1988), a violência desta passagem, não simbolizada no coletivo, irá ser vivida subjetivamente pelo Menino, como pontua Wisnik (2002), como «o inaudito choque» (Rosa, 1988: 11), um trauma, na medida em que comporta algo da ordem de um excesso, em que o fator surpresa é preponderante e que envolve uma ruptura (Freud, 1976: 47), uma divisão que é aqui relacionada à experiência do corte da árvore:

> Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: *ruh*... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento —o inaudito choque— o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu —atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto (Rosa, 1988: 10-11).

Já no *GSV*, a ausência da lei é ressentida por Riobaldo como algo que, passando por uma autoridade política, poderia demarcar uma divisão, um limite capaz de assegurar que o *demônio*, signo do caos e da *mistura do mundo*, não existe:

> Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção —proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! [...] Por que o Governo não cuida?! (Rosa, 2001: 31).

A *lei do mais forte* do sertão aparece resumida na acusação do jagunço durante o julgamento de Zé Bebelo: «Lei de jagunço é o momento» (2001: 284), «é a misericórdia de uma boa bala» (2001: 284). O «costume velho de lei» (2001: 276), ditado pelo coronelismo, fruto de um conjunto de alianças políticas entre os grandes fazendeiros e os chefes de bandos, é transmitido por Selorico Mendes ao afilhado Riobaldo:

> Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política e potentes chefias [...] Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador —todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (Rosa, 2001: 127-128).

O que o fazendeiro ensina é que, no *mundo à revelia*, onde a norma já nasce invertida, os jagunços são «ordeiros» (2001: 128), responsáveis pela manutenção de um certo equilíbrio naquele intrincado sistema, movendo-se entre mandados e mandantes, fazendo *a lei que não há*, ajudando a prender e *dando julgamento* segundo uma autoridade essencialmente pessoal. Por exemplo, o caso dos irmãos que se unem para matar o pai que, antes, havia mandado um matar o outro. Presos pelos jagunços, os dois têm o perdão como veredicto do então chefe Zé Bebelo, com a condição de terem a boiada desapropriada pelos jagunços. Já no julgamento de Zé Bebelo, onde cada chefe dá seu veredito, o que parece se insinuar é uma coletivização da tentativa de fazer justiça, esboçando a criação de uma *lei terceira*, intermediária entre o poder da bala do costume local e a lei, distante e imposta, do governo...

As mesmas contradições anteriores, no entanto, se mostram no projeto de Zé Bebelo de acabar com a jagunçagem: «Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza» (2001: 147). A ironia de pretender a paz através da guerra, a proposta de extermínio dos jagunços com o apoio do governo —à semelhança da Guerra de Canudos, na qual as tropas do governo foram derrotadas por três vezes antes de destruir o arraial— se nota no grito de Bebelo após cada vitória em combate: «Viva a lei! Viva a lei...!» (2001: 93).

Ao conceber formalmente o romance, projetando o desenho deste sertão como uma conversa, —onde o jagunço fala e o senhor escuta— Guimarães Rosa traz de volta não apenas o diálogo que faltou em Canudos[4], mas o simbólico como mediação ausente na origem de nossa cultura, numa imagem alegórica que coloca estes opostos em movimento, em interlocução:

> Na conversa entre o narrador sertanejo, o velho fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo e seu visitante, um jovem doutor da cidade, são tematizados as diferenças, os conflitos e os choques culturais, mas também as

NOTAS

4 | «Só faltou uma conversa». É com a frase do morador João de Régis sobre a falta de diálogo entre as autoridades e a população do Arraial de Canudos, no interior da Bahia, entre 1896 e 1897 —que culminou no massacre dos sertanejos e na destruição das 5.200 casas por parte do exército brasileiro, após três expedições derrotadas— que Willi Bolle inicia o seu estudo sobre o *Grande Sertão* (Bolle, 2004: 17).

interações, os diálogos e o trabalho de mediação (Bolle, 2004: 39-40).

Neste diálogo, é interessante observar, a partir da leitura de *Raízes do Brasil* (Holanda, 1995) e do «Famigerado» (Wisnik, 2002) — que aponta justamente para a escravidão como a nossa *violência mais íntima e recalcada*, nosso passado esquecido— como o termo *senhor*, empregado do início ao fim do romance, também pode ser pensado como designando, em contraste com o jagunço, escravo, o ancestral *sinhô*, o *senhor* de engenho e posses, patriarca desta *lavoura arcaica*, na dupla conotação do termo, tanto *mítica* como *rudimentar* (Holanda, 1995: 49; Bolle, 2004: 282-306). Veja-se a forma como, lá pelas tantas, Riobaldo assume o lugar dos *catrumanos*, prováveis descendentes de ex-escravos escondidos pelo sertão, e se dirige ao *senhor* na estranha *língua* falada por eles: «Tudo isto, para o senhor, meussenhor, não faz razão, nem adianta» (Rosa, 2001: 546).

Ao revolver desta maneira o fundo de nossa constituição como país, em nossas *miragens das origens*, o texto desloca tanto as fantasias ligadas a concepções idealizadas sobre a origem e a natureza, como as ilusões de Modernidade atreladas à idéia de um país do futuro. Neste sentido, é que se pode afirmar que o *GSV* promove uma lembrança dos «sonhos coletivos» (Bolle, 1994-1995: 92) do país, através destes resíduos da história. Mas, também, inclui o despertar como algo que torna possível «recordar aquilo que é mais próximo, mais banal, mais ao nosso alcance» (Benjamin, 2007: 434) rearticulando o passado em sua relação com o presente e o futuro.

Portanto, se, por um lado, a crítica atual a uma *cultura indiscriminada da memória* nos leva a pensar no engodo de uma super-memória — tal como antecipa Funes, *o memorioso*, personagem de Jorge Luis Borges (2007)— o texto crítico de Rosa se faz presente na discussão em torno da memória coletiva no Brasil (onde a *ruína* veio antes da *construção*) e na América Latina. Pois, no Brasil, uma política do esquecimento da ditadura ainda se exerceria num jogo de forças diferenciado do contexto globalizado, e até mesmo de alguns países latinos, bem mais avançados na discussão, trazendo a necessidade de um discurso próprio e contrário ao apagamento dos rastros. É igualmente interessante observar que esta associação entre o esquecimento produzido pelo recalque e a memória histórica se encontra já no próprio Freud:

> É universalmente reconhecido que, no tocante à origem das tradições e da história legendária de um povo, é preciso levar em conta esse tipo de motivo, cuja meta é apagar da memória tudo o que talvez seja penoso para o sentimento nacional. (Freud, 1987: 137).

Sob este viés, a análise da violência no texto de Rosa —situada

no entrecruzamento entre o *mundo misturado*, o *mundo à revelia* e ainda o *imundo de loucura*, de desmandos percebidos por Medeiro Vaz, de «impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espraiou nos gerais» (Rosa, 2001: 60) — a análise da violência se insere, assim, na atualidade ao despertar determinadas verdades adormecidas, por mais banais que nos pareçam, como: «quem controla o passado, controla o futuro»[5]. E outras, de fato, nem um pouco *fáceis*, mas que parecem igualmente *íntimas* ao contexto brasileiro, como a idéia de Marx de que a história se repete «a primeira vez como tragédia» —na violência da *ausência de lei* do sertão— «e a segunda como farsa» (Marx, s/d) —na *lei da selva*, hoje, nas grandes cidades—. Mas, sobretudo, o texto se esboça como possibilidade de mediação e simbolização, ao insinuar e ocupar o espaço intermediário, entre a crítica e a utopia, da criação de uma *lei terceira*, construída através de um acordo com a participação de todos os segmentos envolvidos.

NOTAS

5 | Frase de Orwell em *1984*, constante como epígrafe do livro *O que Resta da Ditadura*, de Edson Teles e Vladimir Saflate (Teles, E.; Safatle, V., 2010).

Bibliografia

BENJAMIN, W. (1986): *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I*, São Paulo: Brasiliense.
BENJAMIN, W. (2007): *Passagens*, São Paulo: Editora UFMG.
BOLLE, W. (1994-95): «Grande Sertão: cidades», *Revista USP*, nº 24, 80-93.
BOLLE, W. (2004): *Grandesertão.br*, São Paulo: Duas Cidades.
BORGES, J. L. (2007): *Ficções*, São Paulo: Companhia das Letras.
CUNHA, E. (2005): *Os Sertões*, Rio de Janeiro: Lacerda.
CUNHA, E. (2005a): *À Margem da História*, São Paulo: Martin Claret.
FREUD, S. (1970): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XI.
FREUD, S. (1976): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII.
FREUD, S. (1987): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. VI
FREUD, S. (1988): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII.
GAGNEBIN, J. M. (1982): *Walter Benjamin*, São Paulo: Brasiliense.
GRYNZPAN, M. (2002): «Da Barbárie à Terra Prometida: o Campo e as Lutas Sociais na História da República» em Gomes, A. C. *et al*. (orgs.), *A República no Brasil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 116-155.
HOLANDA, S. B. (1995): *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
LACAN, J. (2008): *O Seminário. Livro 3: As Psicoses*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
MARX, K. (s/d): «O 18 Brumário de Luis Bonaparte», Domínio Público, <http://www.dominiopublico.gov.br>, [30/07/2010].
PERRONE-MOISÉS, L. (2000): *Inútil Poesia e Outros Ensaios Breves*, São Paulo: Companhia das Letras.
ROSA, J. G. (1988): *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001): *Grande Sertão: veredas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001a): *Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
SCHWARZ, R. (1977): *Ao Vencedor as Batatas*, São Paulo: Duas Cidades.
STARLING, H. (1999): *Lembranças do Brasil: Teoria, Política, História e Ficção em Grande Sertão: veredas*, Rio de janeiro: Revan, UCAM/IUPERJ.
TELES, E. e SAFATLE, V. (orgs.) (2010): *O Que Resta da Ditadura*, São Paulo: Boitempo Editorial.
WISNIK, J. M. (2002): «O Famigerado», *SCRIPTA: Revista de Literatura do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da Puc Minas*, nº 10, vol. V, 177-197.

#06

MIXED WORLD, WORLD IN REBELLION: ON VIOLENCE IN *GRANDE SERTÃO: VEREDAS (RURAL SETTLEMENTS)*, BY GUIMARÃES ROSA

Patricia Carmello
University Federal of Rio de Janeiro
pscarmello@gmail.com

Recommended citation || CARMELLO, Patricia (2012): "Mixed world, world in rebellion: on violence in *Grande Sertão: Veredas (Rural Settlements)*, by Guimarães Rosa" [online article], *452ºF. Electronic journal of theory of literature and comparative literature*, 6, 92-104, [Consulted on: dd/mm/aa], <http://www.452f.com/pdf/numero06/06_452f-mono-patricia-carmello-en.pdf>
Ilustration || Mar Olivé
Translation || Evelyn Beltran
Article || Received on: 21/06/2011 | International Advisory Board's suitability: 15/11/2011 | Published on: 01/2012
License || Creative Commons Attribution Published -Non commercial-No Derivative Works 3.0 License

Abstract || The analysis of violence in Guimarães Rosa's novel *Grande Sertão: Veredas* reveals references to the Brazilian historical conflicts of that time, situated between town and country, the government and people of the country, the Winners and the Forgotten people of history. Furthermore, the theme of violence comes at a tension between a memory not forgotten, related to the repression, and the *poverty of experience* that's not worth remembering.

Keywords || Theory of Literature | Guimarães Rosa | violence | memory.

O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?
João Guimarães Rosa

In the 1950s-marked by the development project of the then President Juscelino Kubitscheck, under the slogan *fifty years in five*, which reached its climax in the construction of the capital, Brasilia, strategically located in the center of the country, given the strong growth of the cities, it is curious to the eyes of Guimarães Rosa set in the forgotten history. Who are they? All his work is built on the characters rural, archaic and interior Brazil, inhabitants of small villages, farms, huts isolated in the countryside or on the banks. It's crazy, as the characters of the story "Sorôco, sua mãe, sua filha" (Pink, 1988), strange, as in "A Menina of Lá" (1988), and a series of day-laborers, mestizos, bandits and prostitutes (Starling, 1999: 16).

In short, there are figures of exile and helplessness, as Miguilim (Rosa, 2001a), ending his saga of unhappy childhood when he was brought to live in the city... They are representatives of those who were left *out of history*, not by chance, in the book Euclides da Cunha (2005a), author of *Os Sertões* (2005), both titles with which Rosa dialogues through themes such as exile, a foreigner in the middle of a lush and hidden nature, as well as references to the history of Canudos. However, the *great Sertão: Veredas*[1] brings together in a same universe all these beings proscribed, as debris and waste, who modernized Brazil does not provide a proper place (Starling, 1999: 16), to transform them into fiction, main protagonists of the *other* history.

Given this premise, it is necessary to highlight the way in which they appear, on the novel by Rosa, references to the history of the country, not as isolated acts, but as fragments, always linked to the subjectivity of someone that reminds: in 1979 is the memory of Selorico Mendes on the invasion of Januária and Cariranha, and the passage of the column Prestes is remembered through the testimony of the Narrator, with respect to the historical event has left him: "Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas" (Rosa, 2001: 114).

Here, what prevails is not in line with a presumed objectivity of the *Act itself*, but in this critical gaze to a specific context, which arises in fiction through the memories of the narrator and other characters, such as waste, Brazil pieces, dissolved in lagoons and fantasy elements, as described by the Narrator, better than anyone else, when he is declared incapable of telling: "retrato de pessoas diversas, ressalte de conversas tolas, coisas em vague..." (Rosa, 2001: 221).

NOTES

1 | To avoid repetition, from now on the novel will be cited as *GSV*.

The vision of the writer about his time refers to the concept of Walter Benjamin on the history, which proposes a new writing of the past, whose objective would be "peinar la historia a contrapelo" (Benjamin, 1986: 225). Targeted by the philosopher as task of materialistic historian, is different from the historian (one that traces a linear chain of events in the history), since it avoids establishing a relationship of empathy with the victors of history, and seeks, through the past forgotten, and defeated, "despertar no pasado as centelhas da esperança" (1986: 224).

The task of the historian wraps, according to Benjamin, a temporality that combines the three times, in which the past has a link to the present and the future, seen by Jeanne Marie Gagnebin (1982), as the *future of the past*, what could have happened, or what you need to recover from oblivion: "aquilo que teria fazer da nossa história uma outra história" (1982: 60). Back this way in the country's history, Guimarães Rosa shares outlined vision commonly by Benjamin, Freud and Proust (each so develop in their own way): "da mesma convicção de que o passado comporta elementos inacabados; e, além disso, que aguardam uma vida posterior, e que somos nós os encarregados de fazê – los reviver" (1982: 71).

Certainly, clear images of the *courtship triumphant history* on the novel by Rosa are found in the multi advancement of the cities in manifestation, progress, and the *machine of government* on the region: "Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?" (Rosa, 2001: 183). The writer reformulates this conflict through this specific formal construction, in which each statement follows another question unanswered, and produced effect a cut or a suspension in the discourse of advancement of progress[2], highlighting the dialectic and motion inherent in the process of collision between the city and countryside, to the armed conflict between the law of the government and the law of the Sertão the war between soldiers and bandits, exposing the point of view of the latter in relation to the first:

> Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado? (Rosa, 2001: 319).

This critical view of the narrator, distinguishes a mixture of Utopia and criticism in relation to the process of modernism existing at the time, because Riobaldo also dreams of a *citizenship* which is only possible in a planned town *on a third bank*, fairer than the Sertão and where the city runs: "mas eu tinha raiva surda das grandes ciudades que há, que eu desconhecia. Raiva - porque eu não era delas, produzido..." (Rosa, 2001: 533). Critical images speak of a promise

NOTES

2 | Leyla Perrone-Moisés talks about the suspension of narrative discourse in the sense of lacanian cut, that points out the absence of sense and the possibility to create new senses at the end of the story.

that will not reach to the Sertão, trains that do not arrive and the contrast between the lack of bridges and the city in which the *Lord* lives: “no carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim” (2001: 118).

If each time hides a secret, as you said Benjamin (1986: 40), the author constructed in fiction a new writing of history, revealing, on the other hand, some secrets lost by the discourse of the development of the period, as the violence on the opposition between the countryside and the city, the conflict between the archaic and the modern, the manifestation of unequal growth and the absence of dialogue between the characters of the interior of the country and the *distant machinery* the government.

Despite criticism, repeatedly manifested by the Narrator describing the details of the wars, which equates to the objective dimension of life, and therefore do not deserve to be remembered: “ Vida, e guerra, é o que é: stupid esses tontos movimientos” (Rosa, 2001: 245), memories of the war effectively compose your story: “senhor exigindo querendo, esta aqui que eu sirvo forte narração - dou or tampante, e o que for- de trinta combates. Tenho lembrancas” (2001: 245). And you are unable to forgive yourself when it comes to admitting your own crimes, including the two rapes he committed (2001: 189), disapproving, totally, violence already apparent at the time, as evidenced by sharing the dream of a Sertão with his friend Zé Bebelo: “people also should reject the uses of armed gangs invading cities, sweeping shops and looting” (2001: 147).

In this regard, it is necessary to point out that, whereas the question of the *eyes* of the writer about these characters, to be inserted in history in terms of the bandits, the text does not sin with naivety; but it characterized the vision of the writer as a *sensitive* nor assumed that he transformed them into simple victims of violence:

> Remorso? Por mim, digo e nego. Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, [...]. Comprou-se para ele, então, uma boa perna-de-pau. Mas, assim, talvez por se ter sacolejado um pouco do juizo, ele nunca mais quer sair de casa, nem se levanta quase do catre, vive repetindo e dizendo: «Ái, quem tem dois tem um, que tem um não tem nenhum...» Todo o mundo ri. E isso é remorso? (Rosa, 2001: 233).

The decision to expose between to *narrate the war* or *narrate the important things* seems to suggest, furthermore stripped of importance to the memories of war, whose content is empty value, a difference that split with the memory of the notion of current reality, since that what remains in memory as trauma may be, or not, the war. It is undeniable, however, that violence is articulated with the problem of evil and, above all, fits as pain, something that occurs as

NOTES

3 | In “Além do Princípio do Prazer”, is both founded the idea of excess and the idea of fixation of a subject in the trauma, taken from Freud’s approach that “os histéricos sofrem principalmente de reminiscências” (Freud, 1976: 24).

an excess[3], which is always beyond representation and memories, because extension of all the suffered escapes from memory-Rosa, 2001: 418 leading to the ex-bandit to doubt the possibility of forgetting of what it relates to the evil:

> Informação que pergunto: mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como? O senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da idéia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio (Rosa, 2001: 37).

Mixed world, world in rebellion

The violence is going through the text altogether, bringing back the previous conflicts between the rural and urban, urban law and the custom of the Sertão. Violence in Rosa's text fits between traumatic experiences and the banal, fiction and history, and also between what should be remembered or forgotten. Critic José Miguel Wisnik indicates that the root of visible violence in the work of the writer is a specific issue of Brazilian culture, circumscribed around the double - or doubles - absence of law, and that it referred not only to random and the inadequacy in the basis of all law, but the absence of a law that "não faz felt sentido formação ancestral brasileira" (Wisnik) (, 2002: 184) and it deserves to be conceived, therefore, within its uniqueness.

In line with formulations of "ideas out of place", Roberto Schwarz (1977), and addressed contradictions in *roots Brazil* (Netherlands, 1995), there is something in the history of Brazil which is repeated and remains an enigma, "entre a violencia e a retorica" (Wisnik, 2002: 184), where attempt to establish a common law, able to impose limits on the brute force, live hand in hand with the *law of the strongest* of the Sertão: "Sertão. O senhor sabe: sertão é onde sends quem é forte, com as astúcias "' (Rosa, 2001: 35).

The starting point of Wisnik is the tale of Guimarães Rosa 'Hungry', of *First Stories* (1988), in which violence - Unlike *GSV*- appears as no specific threat, but where again an outlaw of the Sertão, seeking counsel, city man, a sense that can clarify a word or an experience. The essay focuses on the question of the passage of the Sertão in the city, in the *absence of the law* of the Sertão *law that lack* in the Brazilian city, through (mis) understandings about the sense of the word *hungry*, which is the plot of the story.

The challenging question of Bandit Damázio - ranging from São Ão Sierra to the city to interrogate the doctor, the narrator of the story, about the meaning of the word *hungry*, from a mindless servant of government--to note, with humor, the "armas desiguais" (Wisnik,

2002: 181) from one to the othe: “um homem cuja linguagem é to da faca e a da bala esta suspenso pelo fio sutilíssimo de uma palavra, podendo no entanto, e qualquer momento, cair matando” (2002: 181). Established the triad between the bandit, the cultured man and government official, which is in sight here is the intermediate location of the intellectual and ideas in our history, between *power of the bullet* and political power, place that could be of mediation by common agreement, to provide the symbolic ground of a law able to ensure limits to barbarism.

The mourning begins with the light of the first and the last tale of the book, ‘The limits of joy’ (Rosa, 1988) and “Tops” (1988), in which, exceptionally, the rural scenery viewing by Rosa is reversed, and the main character, the child, travels to the” lugar onde se construia a grande cidade” (1988: 7), in a reference to the construction of Brasilia inaugurated in 1960, two years before the publication of tales. The dialogue takes place, thus, on a stage situated in the Centre of the conflict, between all the contradictions that wrap the construction project, symbol of a modernization program that places the city at the heart of the interior of the country and makes it the seat of political power.

The choice of the field as the privileged setting, in the writings of Rosa, also shows a place where historically, from the Guerra Canudos, developed violent, involving numerous people conflicts, and it contrasts with our common image of “um caracter pacifico e ordeiro “ (Grynzpan, 2002: 154). The theme of those tales persists in *GSV* and, for Wisnik (2002), is a melancholy related to the *traumatic* from the archaic to the modern in our history, something not symbolized there, that would give rise to the *mixed*, *world* emerged precisely from the lament of Riobaldo in the hour of to define the pasture, i.e. separating good and evil (Pink, 2001: 237).

> Mas o que se decanta nesses contos é mais um trabalho de luto, nem apologético nem saudosista, onde a saudade é mais funda e inclui o futuro —o desígnio irresolvido que persiste na mudança. A questão aqui não é a passagem sucessiva do arcaico ao moderno, mas a persistência de um no outro (Wisnik, 2002: 179).

Melancholy – take note - as well as *GSV*, “à qual não is entregam” (Wisnik, 2002: 179) characters, and that does not exclude the experience of joy, however, appears *in the margin*, or form *intermittent*, as the light of a firefly at the end of the tale, according to Wisnik (2002). In “Hungry”, Rosa treats with humor the ambiguity of the meaning of the word present in the source of all meaning, i.e., how can the use of a word result in opposite to its original sense, as proposed by Freud (1970; 1988). Ambiguity which associated to other contradictions of the Brazilian historical context remains unresolved duality. Since the

word removed from experience since our inception, slides, fragile, along a chain of associations: sei fasmisgerado... faz - me gerado... falmisgerado... familhas-gerado... “ (Rosa, 1988: 15).

Nevertheless, however, attempting to attribute a neutral sense of the term to the eulogy, hidden posibly the negative sense which was pronounced: “ Famigerado? Bem. É: “important”, deserving louvor, respeito (1988: 16), the cultured man reiterates that (literal) state of things, in which the word happens to have the value of an ornament, stripped of practicality (Schwarz, 1977), intelligence becomes “decorative” (Netherlands, 1995: 84), and eloquence tells you the strongest wish to hear... Output in the form of a *formation of commitment*, found by intelligence in our historical past, in order to reconcile two opposing demands (escape alive from incident and clarify simple men, tell the truth), maintains the emphasis, in oblivion, implied violence of the situation, in a sort of parody of the history of our *ideas out of place*.

This formulation is, also, the concept developed by Lacan’s “forclusión” in the Name of the Father, of the instance of the law, of the psychotic structure, and (in simplified form) makes that word, to not enroll symbolically, return of reality to the form of delusions and hallucinations, leading to psychosis, to state that the word happens to be treated in its value of *thing* What are check, for example, the irreducible, opaque, certainty of delirious constructions (Lacan, 2008). Something close to what these sociological studies suggest: training of Brazilian culture, the value of the word moved to decorum, ornament; who dubious thinking of Damázio seems to indicate, as shows Wisnik, at the end of the story, reflecting on an extradition of authority, embodied in the government official: “ Sei lá, às vezes, mesmo melhor mesmo, pra esse do Governo era ir- se embora, sei não “ (Rosa, 1988: 17).

And yet, in the context of the *formation of the commitment* made by the ideas in our culture, Sérgio Buarque of Holland shows how the cordiality, *sweetness*, start developing a stroke of the national character from the sugar mills, bearing, in origin, the *stock* where mixed Iberian and african heritage, among slavery. In this light, the cordiality admits violence for not succumbing to it, hiding her (Netherlands, 1995: 61).

Stories that evoke Brasília, this symbolic non-meditation of the tongue, is perceived through the eyes of the child, between the world of nature and the arrival of civilization, between the “incessant joy” (Rosa, 1988: 9), the *transfer* of nature, in the “de muita largura “ (1988: 9) focused on the vision of Peru, and the discovery of the evil incarnate “no mundo maquinal, no hostil espaço” (1988: 10) in the working fields of the airport, “ entre o contentamento e a desilusão,

na balança infidelíssima, quase nada medeia" (1988: 10).
There would therefore be in the origin of the Brazilian social formation, a failure or absence of a symbolic , through the language of the mediation, he re-wrote a distinction in the experience, and, to not be held, again as violence in acts, not symbolized, that would lead to the law and crime, the police and the bandit, the public and private, to pass to be experienced alike, and to do that, still today, the law of the city closer to the *law of the jungle*...

'The margins of joy' (Rosa, 1988), violence of this passage, not symbolized in the collective, will be experienced subjectively by the child, as he points out Wisnik (2002), as "or unheard of shock" (Rosa, 1988: 11), trauma, in that it allows some order in excess, in that the surprise factor is preponderant and involves a break (Freud, 1976: 47), a division that here relates to the experience of cut trees:

> Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: *ruh*... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento —o inaudito choque— o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu —atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto (Rosa, 1988: 10-11).

Already in *GSV*, the absence of law is felt by Riobaldo as something that, is passing by a political authority, could mark a division, a limit capable of ensuring the *demon*, sign of chaos and the *mixture of the world*, does not exist:

> Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção —proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! [...] Por que o Governo não cuida?! (Rosa, 2001: 31).

The *law of the strongest* of the Sertão appears summary in the indictment of the bandit during the trial of Zé Bebelo: "Lei jagunço é o momento [...]. "é a misericórdia de uma boa bala" (2001: 284). "Costume velho lei" (2001: 276), dictated by militarism, fruit of a set of political alliances between the great landowners and the heads of camps, is transmitted by Selorico Mendes to the protégé, Riobaldo:

> Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política e potentes chefias [...] Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador —todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (Rosa, 2001: 127-128).

The landowner teaches what in the *world in rebellion*, where the

standard is already born undermined, the bandits are "ordeiros" (2001: 128), responsible for maintaining balance at this intricate system, moving among those who mandate and those who obey, creating a *law there that is not there, helping* to catch and *dictating sentence* following an essentially personal authority. For example, the case of the brothers who join forces to kill the father who, before, had ordered the brothers that they kill each other. Prisoners of the bandits, the two have the forgiveness as the verdict of the then Chief Zé Bebelo, on the condition of having the drove of oxen not appropriated by the bandits. Already in the trial of Zé Bebelo, where each head gives its verdict, what is insinuating itself is a collectivization of the attempt to do justice, outlining the creation of a *third law*, an intermediary between the power of the bullet by local custom and law, distant and imposed by the government...

The same previous contradictions, simultaneously, shown in the project of Zé Bebelo put an end to the world of the bandits: "Dizendo de depois, estável abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fabricas, remediando a saúde de todos preenchendo a pobreza" (2001: 147). The irony of trying to obtain peace through war, the proposal to exterminate bandits with government support - assimilating it to the Canudos Guerra, in which the Government troops were defeated three times before destroying the camp - note Bebelo after each victory in battle cry: "Viva a lei! "Viva a lei...!" (2001: 93).

In designing formally romance, projecting the design of the Sertão as a conversation,-where the Bandit speaks and the Lord listens – Guimarães Rosa brings back not only the dialogue that was lacking in Canudos[4], but also symbolic as mediation absent in the origin of our culture, in an allegorical image that places these opponents in movement, in dialogue:

> Na conversa entre o narrador sertanejo, o velho fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo e seu visitante, um jovem doutor da cidade, são tematizados as diferenças, os conflitos e os choques culturais, mas também as interações, os diálogos e o trabalho de mediação (Bolle, 2004: 39-40).

In this dialogue is interesting to note, from the reading of *Brazil roots* (Netherlands, 1995) and "Hungry" (Wisnik, 2002) - just pointing to slavery as our *outstanding and intimate violence*, our past forgotten - how the term Lord, used from the beginning to the end in the novel, can also be conceived as a designation, in contrast with the Bandit, the slave, the ancestral *sinhô*, *Lord* of ingenuity and possessions, Patriarch of this *archaic task*, in the double connotation of the term, both *mythical* and *rudimentary* (Netherlands, 1995: 49; Bolle, 2004: 282-306). Is the way in which, after all this time, Riobaldo assumes the place of the *catrumanos*, possible descendants of former slave

NOTES

4 | Só faltou uma conversa". With this sentence from the resident João de Régis about the lack of dialogue between the authorities and population from Arraial de Canudos, in the interior of Bahía, between 1896 y 1897 —that culminated in the slaughter of the inhabitants from Sertón and the destruction of 5.200 houses by the Brasilian army, after the defeat of the three expeditions— Willi Bolle begins his investigation about the *Gran Sertón* (Bolle, 2004: 17).

hidden by the Sertão, and turns to the *Lord* in the strange *language* that they speak: "Tudo isto para o senhor, meussenhor, não faz razão, nem adianta" (Rosa, 2001: 546).

To return to the substance of our Constitution as a country, in our *mirages of the origins*, the text moved both fantasies related to conceptions idealized on the origin and nature, and the illusions of modernity linked to the idea of a country of the future. In this sense, we can say that the *GSV* promotes a reminder of the "sonhos coletivos" (Bolle, 1994-1995: 92) of the country, through this waste of history. But, also, includes the awakening as something that becomes possible to "recordar aquilo que é mais proximo, banal mais, mais ao nosso alcance" (Benjamin, 2007: 434) rebuilding the past in its relationship with the present and the future.

In this way, on the one hand, the current criticism about *indiscriminate memory culture* leads us to think in the bait of a super-memory - as it anticipates Funes, *the memorious*, character in Jorge Luis Borges (2007)- the critical text of Rosa is present in the discussion about collective memory in Brazil (where the *ruin* comes before *construction*) and Latin America. Subsequently, in Brazil, the politics of forgetting the dictatorship were still in a play of forces other than the global context, and even equal in some Latin countries more advanced in the discussion, bringing the need for dialogue and contrary to the elimination of traces. It is also interesting to note that this partnership between oblivion produced by prominence and historical memory is already in the same Freud:

> É universalmente reconhecido que, no tocante à origem das tradições e da história legendária de um povo, é preciso levar em conta esse tipo de motivo, cuja meta é apagar da memória tudo o que talvez seja penoso para o sentimento nacional. (Freud, 1987: 137).

On this bias, the analysis of violence in the text of Rosa - located at the intersection between *the mixed world*, the *world in rebellion* and even the *unclean of madness*, of disobedience perceived by Medeiro Vaz, of the "impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e is espraiou us gerais" (Rosa, 2001: 60)- analysis of the violence is inserted, thus nowadays to awaken certain truths asleep for very trivial as they may appear to us, such as: "who controls the past, controls the future"[5]. And others, in fact, not *easy*, but that seems equally *intimate* to the Brazilian context, such as the idea of Marx that history repeats itself "a first time ever as tragedy" - in the *absence of law* of the Sertão violence -"e a segunda como farsa" (Marx, s/d)-in the *law of the jungle*, today, in major cities. But, above all, the text outlines as possibility of mediation and symbolization, insinuate and occupy the intermediate space between critique and the utopia of the creation of a *third law*,

NOTES

5 | Sentence from Orwell in *1984*, that is also the epigraph in *Lo que queda de Dictadura*, written by Edson Teles and Vladimir Saflate (Teles, E.; Safatle, V., 2010).

built through a partnership with the participation of all segments involved.

Bibliography

BENJAMIN, W. (1986): *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I*, São Paulo: Brasiliense.
BENJAMIN, W. (2007): *Passagens*, São Paulo: Editora UFMG.
BOLLE, W. (1994-95): «Grande Sertão: cidades», *Revista USP*, nº 24, 80-93.
BOLLE, W. (2004): *Grandesertão.br*, São Paulo: Duas Cidades.
BORGES, J. L. (2007): *Ficções*, São Paulo: Companhia das Letras.
CUNHA, E. (2005): *Os Sertões*, Rio de Janeiro: Lacerda.
CUNHA, E. (2005a): *À Margem da História*, São Paulo: Martin Claret.
FREUD, S. (1970): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XI.
FREUD, S. (1976): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII.
FREUD, S. (1987): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. VI
FREUD, S. (1988): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII.
GAGNEBIN, J. M. (1982): *Walter Benjamin*, São Paulo: Brasiliense.
GRYNZPAN, M. (2002): «Da Barbárie à Terra Prometida: o Campo e as Lutas Sociais na História da República» em Gomes, A. C. *et al*. (orgs.), *A República no Brasil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 116-155.
HOLANDA, S. B. (1995): *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
LACAN, J. (2008): *O Seminário. Livro 3: As Psicoses*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
MARX, K. (s/d): «O 18 Brumário de Luis Bonaparte», Domínio Público, <http://www.dominiopublico.gov.br>, [30/07/2010].
PERRONE-MOISÉS, L. (2000): *Inútil Poesia e Outros Ensaios Breves*, São Paulo: Companhia das Letras.
ROSA, J. G. (1988): *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001): *Grande Sertão: veredas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001a): *Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
SCHWARZ, R. (1977): *Ao Vencedor as Batatas*, São Paulo: Duas Cidades.
STARLING, H. (1999): *Lembranças do Brasil: Teoria, Política, História e Ficção em Grande Sertão: veredas*, Rio de janeiro: Revan, UCAM/IUPERJ.
TELES, E. e SAFATLE, V. (orgs.) (2010): *O Que Resta da Ditadura*, São Paulo: Boitempo Editorial.
WISNIK, J. M. (2002): «O Famigerado», *SCRIPTA: Revista de Literatura do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da Puc Minas*, nº 10, vol. V, 177-197.

#06

MÓN BARREJAT, MÓN EN REBEL•LIÓ: SOBRE LA VIOLÈNCIA A *GRAN SERTÃO: RIBERES*, DE GUIMARÃES ROSA

Patricia Carmello
Universitat Federal de Rio de Janeiro
pscarmello@gmail.com

Cita recomanada || CARMELLO, Patricia (2012): "Món barrejat, món en rebel•lió: sobre la violència a *Gran Sertão: riberes*, de Guimarães Rosa" [article en línia], *452ºF. Revista electrònica de teoria de la literatura i literatura comparada*, 6, 92-104, [Data de consulta: dd/mm/aa], <http://www.452f.com/pdf/numero06/06_452f-mono-patricia-carmello-ca.pdf>
Il·lustració || Mar Olivé
Traducció || Amparo Heras Lozano
Article || Rebut: 21/06/2011 | Apte Comitè Científic: 15/11/2011 | Publicat: 01/2012
Llicència || Llicencia Reconeixement-No comercial-Sense obres derivades 3.0 de Creative Commons.

Resum || L'anàlisi de la violència en la novel•la *Gran Sertão: riberes* de Guimarães Rosa conté referències als conflictes històrics brasilers de l'època, situats entre la ciutat i el camp, el govern i la població de l'interior del país, els Vencedors i els Oblidats de la història. A més a més, el tema de la violència sorgeix en una tensió entre la memòria *que no passa*, relacionada amb la repressió, i la *pobresa de l'experiència* d'allò que no mereix ser recordat.

Paraules clau || Teoria literària | Guimarães Rosa | violència | memòria.

Abstract || The analysis of violence in Guimarães Rosa's novel *Grande Sertão: veredas* reveals references to the Brazilian historical conflicts of that time, situated between town and country, the government and people of the country, the Winners and the Forgotten people of history. Furthermore, the theme of violence comes at a tension between a memory not forgotten, related to the repression, and the *poverty of experience* that's not worth remembering.

Keywords || Theory of Literature | Guimarães Rosa | violence | memory.

O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?
João Guimarães Rosa

En plena dècada dels anys cinquanta —marcada pel projecte de desenvolupament de l'aleshores president Juscelino Kubitscheck, sota el lema "cinquanta anys en cinc", que va aconseguir el seu clímax en la construcció de la capital, Brasília, localitzada estratègicament al centre del país, atès el creixement intens de les ciutats— és curiós que els ulls de Guimarães Rosa es fixin en els oblidats de la història. Qui són aquells? Tota la seva obra es construeix a partir de personatges rurals, d'un Brasil interior i arcaic, habitants de poblets, d'hisendes, de barraques aïllades al mig del camp o a les riberes. Són bojos, com en el conte "Sorôco, sua mãe, sua filha" ("Sorôco, la mare, la filla" [Rosa, 1988]), estranys, com a "A Menina de Lá" ("La nena d'allà" [1988]), i una sèrie de jornalers, de mestissos, de bandits i de prostitutes (Starling, 1999: 16).

En poques paraules, són figures del desterrament i de la desemparança, com Miguilim (Rosa, 2001a), que acaba la seva saga d'infantesa infeliç quan el porten a viure a la ciutat... Són representants dels qui van quedar *al marge de la història*, no per casualitat, en el llibre d'Euclides da Cunha (2005a), també autor d'*Os Sertões* ("Els sertãos" [2005]), en tots dos títols Rosa dialoga sobre temes com l'exili, l'ésser estranger al mig d'una natura oculta i exuberant, també fa referència a la història de Canudos. Tanmateix, el *Gran Sertão: riberes*[1] reuneix en un mateix univers tots aquests éssers al marge com restes, residus, als quals el Brasil modernitzat no concedeix un lloc apropiat (Starling, 1999: 16), per transformar-los, en la ficció, en protagonistes principals de l'*altra* història.

Atesa aquesta premissa, cal destacar la manera en què apareixen, en la novel•la de Rosa, les referències a la història del país, no com a actes aïllats, sinó com a fragments, sempre vinculats a la subjectivitat d'algú que recorda: l'any 1979 es presenta el record de Selorico Mendes sobre la invasió de Januária i Carinhanha, i el pas de la columna Prestes es recorda mitjançant el testimoni del narrador que, pel que fa a l'esdeveniment històric, explica allò que en resta: "Molts anys abans, un pobletà vol treballar una fusta, i hi troba bales clavades" (Rosa, 2001: 114).

Aquí, el que preval no està en la línia d'una presumpta objectivitat del *fet en si*, però sí en aquesta mirada crítica davant un context específic, que sorgeix en la ficció per mitjà dels records del narrador i d'altres personatges, com residus, trossos del Brasil, dissolts entre llacunes i elements fantàstics, com descriu el narrador, millor que ningú, quan es declara incapaç de narrar: "retrat de diverses persones, destacar converses absurdes, coses buides..." (Rosa,

NOTES

1 | D'ara endavant la novel•la se citarà com a *GSR*, per evitar citacions repetides.

2001: 221).

La visió de l'escriptor sobre el seu temps remet a la concepció de Walter Benjamin sobre la història, que proposa una nova escriptura del passat, l'objectiu de la qual seria "pentinar la història a contrapèl". (Benjamin, 1986: 225). Apuntada pel filòsof com una tasca de l'historiador materialista, diferent de l'historiador (aquell que traça en la història una cadena lineal de fets), perquè evita establir una relació d'empatia amb els vencedors de la història, i cerca, servint-se del passat oblidat i vençut, "despertar en el passat les espurnes de l'esperança" (1986: 224).

La tasca de l'historiador embolcalla, segons Benjamin, una temporalitat que conjuga els tres temps, en què el passat té un vincle amb el present i el futur, vist per Jeanne Marie Gagnebin (1982) com el *futur del passat*, d'allò que podria haver succeït, o del que s'ha de recuperar de l'oblit: "allò que podria haver fet de la nostra història una altra història" (1982: 60). En tornar d'aquesta manera a la història del país, Guimarães Rosa compartia la visió esbossada comunament per Benjamin, Freud i Proust (tot i que cadascú la desenvolupi a la seva manera): "de la mateixa convicció que el passat conté elements inacabats; i, a més a més, que els espera una vida posterior, i que nosaltres som els encarregats de fer-la reviure" (1982: 71).

Sens dubte, les imatges inequívoques del *seguici triomfal de la història* en la novel•la de Rosa es troben en l'avenç múltiple de la marxa de les ciutats, del progrés, i de la *màquina de govern* sobre la regió: "Ah, al mateix temps que s'acaben les armes, la ciutat enderroca el sertão. Enderroca?" (Rosa, 2001: 183). Conflicte que l'escriptor reformula per mitjà d'aquesta construcció formal específica, en la qual, a cada afirmació segueix una altra interrogació sense resposta, i que produeix com a efecte un tall o una suspensió en el discurs d'avenç del progrés[2], posant de manifest la dialèctica i el moviment inherent al procés de xoc entre la ciutat i el camp, al conflicte armat entre la llei del govern i la llei del sertão (regió semiàrida del nord-est del Brasil), a la guerra entre soldats i bandits, exposant el punt de vista d'aquests darrers amb relació als primers:

> Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado? (Rosa, 2001: 319).

En aquesta mirada crítica del narrador, es distingeix una barreja d'utopia i de crítica amb referència al procés de modernització vigent en l'època, perquè Riobaldo també somia una *ciutadania* que sols és possible en una ciutat projectada *en una tercera vora*, més justa que no pas el sertão i que la ciutat que l'atropella: "però tenia una ràbia

NOTES

2 | Leyla Perrone-Moisés parla en la suspensió del discurs del narrador en el sentit de tall lacanià, que apunta cap a l'absència de sentit, la possibilitat de creació de nous sentits, a la fi del conte "Lá, nas Campinas" ("Allà, a les campanyes"), citant Rosa: "Però no crec les paraules" (Perrone-Moisés, 2000: 278).

sorda contra les grans ciutats que desconeixia. Ràbia —perquè no era produïda per elles...” (Rosa, 2001: 533). Les imatges crítiques parlen d’una promesa que no arribarà al sertão, de trens que no arriben i del contrast entre la manca de ponts i la ciutat en què el senyor viu: “en un carro de bous necessites molts dies per assolir allò que el *senyor* aconsegueix amb el seu jeep en qüestió d’hores. Fins al moment, és així” (2001: 118).

Si cada època amaga un secret, com bé diu Benjamin (1986: 40), l’autor construeix en la ficció una nova escriptura de la història, revelant, al contrari, alguns secrets perduts pel discurs del desenvolupament del període, com la violència existent en l’oposició entre el camp i la ciutat, el conflicte entre allò arcaic i allò modern, la marxa d’un creixement desigual i l’absència de diàleg entre els personatges de l’interior del país i la *distant maquinària* del govern.

A despit de la crítica repetidament manifestada pel narrador en descriure els detalls de les guerres, s’equiparen a una dimensió objectiva de la vida, i per tant, no mereixen ser recordades: “Vida i guerra són el que són: aquests moviments estúpids” (Rosa, 2001: 245), els records de la guerra efectivament componen el seu relat: «o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração —dou o tampante, e o que for— de trinta combates. Tenho lembrança» (2001: 245). I ni tan sols és capaç de perdonar-se a si mateix quan es tracta d’admetre els propis crims, incloent-hi els dos estupres que va cometre (2001: 189), desaprovant, totalment, la violència ja de manifest en l’època, com demostra en compartir el somni d’un sertão en pau del seu amic Zé Bebelo: “La gent igualment hauria de reprovar els usos de les bandes armades envaint ciutats, arrasant comerços i saquejant” (2001: 147).

Pel que fa a aquest aspecte, és necessari apuntar que, considerant la qüestió dels *ulls* de l’escriptor sobre aquests personatges, en inserir en la història el punt de vista dels bandits, el text no peca d’ingenu; però caracteritzar la visió de l’escriptor com a *sensible* tampoc no significa proposar que els transformi en simples víctimes de la violència:

> Remorso? Por mim, digo e nego. Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, [...]. Comprou-se para ele, então, uma boa perna-de-pau. Mas, assim, talvez por se ter sacolejado um pouco do juizo, ele nunca mais quer sair de casa, nem se levanta quase do catre, vive repetindo e dizendo: «Ái, quem tem dois tem um, que tem um não tem nenhum...» Todo o mundo ri. E isso é remorso? (Rosa, 2001: 233).

La decisió exposada entre *narrar la guerra* o *narrar les coses importants* sembla insinuar, a més a més de desposseir d´importància els records de guerra, el contingut dels quals es buida de valor, una

diferència que desvincula la memòria de la noció de realitat actual, ja que allò que resta en la memòria com un trauma pot estar, o no, relacionat amb la guerra. És innegable, tanmateix, que la violència s'articula amb la problemàtica del Mal i, sobretot, també s'inscriu com un trauma, relacionat amb alguna cosa que es produeix com un excés[3], que sempre escapa a la representació i als records, perquè l'extensió de tot allò patit s'escapa de la memòria (Rosa, 2001: 418), cosa que fa que l'exbandit dubti de la possibilitat d'oblit d'allò que es relaciona amb el Mal:

> Informação que pergunto: mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como? O senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da idéia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio (Rosa, 2001: 37).

Món barrejat, món en rebel•lió

Així, la violència travessa el text per complet, portant de tornada nous conflictes oblidats entre el camp i la ciutat, la llei urbana i el costum del sertão. La violència en el text de Rosa s'inscriu entre allò traumàtic i allò banal, la ficció i la història, i fins i tot, entre el que ha de ser recordat o oblidat. El crític José Miguel Wisnik indica que l'arrel de la violència visible en l'obra de l'escriptor és una qüestió específica de la cultura brasilera, circumscrita al voltant d'una doble o (que dobla) l'absència de la llei, i que es refereix, no sols a l'atzar i a la insuficiència en la base de tota llei, sinó a l'absència d'una llei que "no té sentit en la formació ancestral brasilera" (Wisnik, 2002: 184) i que, per tant, mereix ser concebuda dins de la seva singularitat.

A propòsit de les formulacions d'"As Idéias fora do Lugar" ("Les idees fora de lloc"), de Roberto Schwarz (1977), i de les contradiccions abordades a *Raízes do Brasil* ("Arrels del Brasil" [Holanda, 1995]), en la història del Brasil hi hauria alguna cosa que es repeteix i que roman com un enigma, "entre la violència i la retòrica" (Wisnik, 2002: 184), en què l'intent d'instaurar una llei comuna, capaç d'imposar límits sobre la força bruta, conviu amb la *llei del més fort* del sertão: "Sertão. El senyor sap: el sertão és on mana qui és fort, i qui té murrieria" (Rosa, 2001: 35).

El punt de partença de Wisnik és el conte "Famigerado" ("Afamat") de Guimarães Rosa, de *Primeiras Estórias* ("Primeres històries" [1988]), en el qual la violència —a diferència de *GSR*— apareix com una amenaça no concreta, però en què novament un bandit, del sertão, busca al costat del lletrat, home de ciutat, un sentit que li aclareixi una paraula o una experiència. L'assaig es concentra en la qüestió del pas del sertão a la ciutat, de l'*absència de la llei* del sertão a la *llei que manca* a la ciutat brasilera, servint-se dels (des)

NOTES

3 | A "Além do Princípio do Prazer" ("Més enllà del principi de plaer"), es troba tant la idea de l'excés com la d'una fixació del subjecte en el trauma, en la proposta represa per Freud, en la qual "els histèrics pateixen principalment de reminiscències" (Freud, 1976: 24).

acords al voltant del sentit de la paraula *afamat*, que constitueix l'embolic del conte.

En la pregunta desafiadora del bandit Damázio —que va des de la Serra de São Ão fins a la ciutat, per interrogar el metge, el narrador de la història, sobre el sentit de la paraula *afamat*, adreçada al bandit per un forassenyat funcionari del govern— s'assenyalen, amb humor, les "armes desiguals" (Wisnik, 2002: 181) de l'un i de l'altre: "un home el llenguatge del qual és el del ganivet i el de la bala resta suspès per un fil subtil d'una paraula que pot tanmateix, i en qualsevol moment, caure matant" (2002: 181). Establerta la tríada entre el bandit, l'home culte i el funcionari del govern, el que s'entrelluca aquí és el lloc intermedi de l'intel•lectual i de les idees en la nostra història, entre el *poder de la bala* i el poder polític, lloc que podria ser de mediació d'un acord comú, que proporcionés el sòl simbòlic d'una llei capaç d'assegurar límits a la barbàrie.

El duel es pateix a la llum del primer i del darrer conte del llibre, "As Margens da Alegria" ("Els marges de l'alegria" [Rosa, 1988]) i "Os Cimos" ("Els cims" [1988]), en els quals, excepcionalment, l'escenari rural visionat per Rosa es capgira, i el personatge principal, el Nen, viatja cap al "lloc on es construïa la gran ciutat" (1988: 7), en una referència a la construcció de Brasília, inaugurada l'any 1960, dos anys abans de la publicació dels contes. El diàleg té lloc, doncs, en un escenari situat al centre del conflicte, amb totes les contradiccions que envoltaran el projecte de construcció, símbol d'un programa modernitzador que porta la ciutat al centre de l'interior del país i en fa la seu del poder polític.

L'elecció del camp com a escenari privilegiat dels escrits de Rosa també mostra un lloc on històricament, al Brasil, des de la Guerra de Canudos, es van desenvolupar conflictes violents, implicant poblacions nombroses, que contrasta amb la nostra imatge comuna d'"un tarannà pacífic i amic de l'ordre" (Grynzpan, 2002: 154). La temàtica d'aquests contes persisteix a *GSR* i, per a Wisnik (2002), consisteix en una malenconia relacionada amb un pas *traumàtic* d'allò arcaic a allò modern en la nostra història, en alguna cosa no simbolitzada aquí, que donaria origen al *món barrejat*, sorgit justament del plany de Riobaldo a l'hora de *delimitar les pastures*, és a dir, separar el bé i el mal (Rosa, 2001: 237):

> Mas o que se decanta nesses contos é mais um trabalho de luto, nem apologético nem saudosista, onde a saudade é mais funda e inclui o futuro —o desígnio irresolvido que persiste na mudança. A questão aqui não é a passagem sucessiva do arcaico ao moderno, mas a persistência de um no outro (Wisnik, 2002: 179).

La malenconia —cal dir— així com a *GSR*, "a la qual no es lliuren"

(Wisnik, 2002: 179) els personatges, i que no exclou l'experiència de l'alegria, tanmateix, hi apareix *al marge*, o de manera *intermitent*, com la llum d'una lluerna a la fi del conte, d'acord amb el crític. A "Famigerado" ("Afamat"), Rosa tracta amb humor l'ambigüitat del sentit del mot present a l'origen de tot el significat, és a dir, com l'ús d'una paraula pot derivar en sentit oposat al seu sentit original, tal com proposa Freud (1970; 1988). Ambigüitat que, associada a altres contradiccions del context històric brasiler, roman com una dualitat no resolta. Atès que la paraula, apartada de l'experiència des dels nostres orígens, llisca, fràgil, al llarg d'una cadena d'associacions: «fasmisgerado... faz-me-gerado... falmisgeraldo... familhas-gerado...» (Rosa, 1988: 15).

No obstant això, en passar de l'intent d'atribuir un sentit neutre al terme cap a l'elogi, s'oculta el possible sentit negatiu pel qual va ser pronunciat: "Famós? Bé. És: "important", que mereix lloances, respecte" (1988: 16), l'home culte reitera aquest estat (literal) de les coses, en el qual la paraula passa a tenir el valor d'un ornament, desposseïda de sentit pràctic (Schwarz, 1977), la intel•ligència es torna "decorativa" (Holanda, 1995: 84), i l'eloqüència diu allò que el més fort desitja sentir... Sortida en forma d'una *formació de compromís*, trobada per la intel•ligència en el nostre passat històric que, per tal de conciliar dues exigències oposades (sortir amb vida de l'episodi i aclarir els homes simples, dir la veritat), manté en l'èmfasi, en l'oblit, la violència implícita de la situació, en una mena de paròdia de la història de les nostres *idees fora de lloc*.

Dins d'aquesta formulació, també hi ha el concepte de "forclusió" del Nom del Pare elaborat per Lacan, de la instància de la llei, propi de l'estructura psicòtica, i que (de manera simplificada) fa com que la paraula, en no inscriure's simbòlicament, torni de la realitat a una forma de deliris i al•lucinacions, cosa que porta, per a la psicosi, a l'estat en què la paraula passa a ser tractada en el seu valor de *cosa*, el que es verifica, per exemple, en la certesa irreductible, opaca, de les construccions delirants (Lacan, 2008). Alguna cosa propera a allò que aquests estudis sociològics apunten: en la formació de la cultura brasilera, el valor de la paraula es trasllada per al decor, l'ornament; allò que el pensament dubtós de Damázio sembla indicar, com mostra Wisnik, a la fi del conte, reflexionant sobre una extradició d'autoritat, encarnada en el funcionari del govern: «Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo era ir-se embora, sei não» (Rosa, 1988: 17).

I, encara, pel que fa a la *formació del compromís* efectuada per les idees en la nostra cultura, Sérgio Buarque d'Holanda mostra com la cordialitat, la *dolçor*, es desenvoluparà com un traç del caràcter nacional des dels ingenis sucrers, que té, a l'origen, el *brou* en què es barrejaven l'herència ibèrica i l'africana enfront de l'esclavatge.

En aquest prisma, la cordialitat admet la violència per no sucumbir-hi a la mateixa, ocultant-la (Holanda, 1995: 61).

En els contes que evoquen Brasília, aquesta no-mediació simbòlica de la llengua es percep mitjançant els ulls del nen, entre el món de la natura i l'arribada de la civilització, entre l'"alegria incessant" (Rosa, 1988: 9), el *transbord* de la natura, en el "paisatge de grans dimensions" (1988: 9) concentrada en la visió del Perú, i en la descoberta del Mal encarnat "al món maquinal, a l'espai hostil" (1988: 10) del camp d'obres de l'aeroport, "entre la felicitat i la desil•lusió, en la balança infidel, gairebé res no es divideix". (1988: 10).

Per tant, a l'origen de la formació social brasilera hi hauria una falla o absència d'un tall simbòlic que, per mitjà de la llengua, de la mediació, executés una distinció en l'experiència, i que, en no efectuar-se, torna com a violència en els actes, no simbolitzada, el que portaria al fet que la llei i el crim, la policia i el bandit, allò públic i allò privat, passin a ser experimentats per igual, cosa que fa que, encara avui, la llei de la ciutat s'aproximi a la *llei de la selva*...

A "As Margens da Alegria" ("Els marges de l'alegria" [Rosa, 1988]), la violència d'aquest passatge, no simbolitzada en allò col•lectiu, serà experimentada subjectivament pel Nen, com apunta Wisnik (2002), com "un xoc inaudit" (Rosa, 1988: 11), un trauma, en la mesura que permet una mica d'ordre dins de l'excés, en què el factor sorpresa és preponderant i implica una ruptura (Freud, 1976: 47), una divisió que aquí es relaciona amb l'experiència de tallar els arbres:

> Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: *ruh*... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento —o inaudito choque— o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu —atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto (Rosa, 1988: 10-11).

Ja a *GSR*, l'absència de la llei se sent per Riobaldo com alguna cosa que, passant per una autoritat política, podria marcar una divisió, un límit capaç d'assegurar que el *dimoni*, signe del caos i de la *barreja del món*, no existeix:

> Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção —proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! [...] Por que o Governo não cuida?! (Rosa, 2001: 31).

La *llei del més fort* del sertão hi apareix resumida en l'acusació del bandit durant el judici de Zé Bebelo: "La llei del bandit és el moment" (2001: 284), "és la misericòrdia d'una bona bala" (2001: 284). L'"antic costum de la llei" (2001: 276), dictat pel coronelíssim, fruit d'un conjunt d'aliances polítiques entre els grans hisendats i els caps de bàndols, es transmet, per Selorico Mendes al protegit, Riobaldo:

> Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política e potentes chefias [...] Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador —todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (Rosa, 2001: 127-128).

El que l'hisendat ensenya és que, al *món en rebel•lió*, en què la norma ja neix desvirtuada, els bandits són "amics de l'ordre" (2001: 128), responsables de mantenir un cert equilibri en aquell sistema intricat, movent-se entre els qui manen i els qui obeeixen, fent *la llei que no hi ha*, ajudant a atrapar i *dictant sentència* seguint una autoritat essencialment personal. Per exemple, el cas dels germans que s'uneixen per matar el pare que, abans, havia manat a l'un matar l'altre. Presos dels bandits, tots dos tenen el perdó com a veredicte de l'aleshores cap Zé Bebelo, amb la condició de tenir la bouada no escaient pels bandits. Ja en el judici de Zé Bebelo, en el qual cada cap dóna el seu veredicte, el que sembla insinuar-se és una col•lectivització de l'intent de fer justícia, esbossant la creació d'una *tercera llei*, intermediària entre el poder de la bala pel costum local i la llei, distant i imposada, del govern...

Les mateixes contradiccions anteriors, simultàniament, es mostren en el projecte de Zé Bebelo d'enderrocar el món dels bandits: «Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza» (2001: 147). La ironia de pretendre obtenir la pau mitjançant la guerra, la proposta d'exterminar els bandits amb suport governamental —assimilant-ho a la Guerra de Canudos, en la qual les tropes del govern van ser derrotades tres vegades abans de destruir el campament— es nota en el crit de Bebelo després de cada victòria en combat: "Visca la llei! Visca la llei...!" (2001: 93).

En concebre formalment el romanç, projectant el disseny del sertão com una conversa —en la qual el bandit parla i el senyor escolta—, Guimarães Rosa porta de tornada no sols el diàleg que va mancar a Canudos[4], sinó també allò simbòlic com a mediació absent a l'origen de la nostra cultura, en una imatge al•legòrica que col•loca aquests oponents en moviment, en interlocució:

> Na conversa entre o narrador sertanejo, o velho fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo e seu visitante, um jovem doutor da cidade, são tematizados as diferenças, os conflitos e os choques culturais, mas também as

NOTES

4 | "Només hi va mancar una conversa". Amb aquesta frase del resident João de Régis sobre la falta de diàleg entre les autoritats i la població d'Arraial de Canudos, a l'interior de Bahia, entre 1896 i 1897 —en què va culminar la massacre dels habitants de Sertão i la destrucció de 5.200 cases per part de l'exèrcit brasiler, després que fossin derrotades tres expedicions— Willi Bolle inicia el seu estudi sobre el *Gran Sertão* (Bolle, 2004: 17).

interações, os diálogos e o trabalho de mediação (Bolle, 2004: 39-40).

En aquest diàleg, és interessant observar, a partir de la lectura de *Raízes do Brasil* ("Arrels del Brasil" [Holanda, 1995]) i d'"O Famigerado" ("l'Afamat" [Wisnik, 2002]) —que apunta justament l'esclavatge com la nostra *violència més íntima i destacada*, el nostre passat oblidat— com el terme *senyor*, que s'utilitza de principi a fi en la novel•la, també es pot concebre com una designació, en contrast amb el bandit, l'esclau, l'ancestral *sinhô*, el *senyor* de l'ingeni i de les possessions, patriarca d'aquesta *tasca arcaica*, en la doble connotació del terme, tan *mítica* com *rudimentària* (Holanda, 1995: 49; Bolle, 2004: 282-306). Es veu la manera en què, després de tant de temps, Riobaldo assumeix el lloc dels *camperols*, possibles descendents d'exesclaus amagats pel sertão, i s'adreça al *senyor* en la *llengua* estranya que ells parlen: "Tot això, per al senyor, senyor meu, no té sentit, ni avança res." (Rosa, 2001: 546).

En regirar així el fons de la nostra constitució com a país, en els nostres *miratges dels orígens*, el text trasllada tant les fantasies lligades a concepcions idealitzades sobre l'origen i la natura, com les il•lusions de Modernitat vinculades a la idea d'un país del futur. En aquest sentit, es pot afirmar que el *GSR* promou un record dels "somnis col•lectius" (Bolle, 1994-1995: 92) del país, mitjançant aquests residus de la història. Però, també, inclou el fet de despertar com alguna cosa que esdevé possible "recordar allò que és més proper, més banal, però que està al nostre abast" (Benjamin, 2007: 434) reconstruint el passat en la seva relació amb el present i el futur.

Per tant, si, d'una banda, la crítica actual a una cultura indiscriminada de la *memòria* ens porta a pensar en l'esquer d'una supermemòria —tal com anticipa Funes *el Memoriós*, personatge de Jorge Luis Borges (2007)— el text crític de Rosa es fa present en la discussió al voltant de la memòria col•lectiva al Brasil (on la *ruïna* ve abans que no pas la *construcció*) i a l'Amèrica Llatina. Posteriorment, al Brasil, una política de l'oblit de la dictadura encara s'exerciria en un joc de forces diferent del context globalitzat, i fins i tot igual que en alguns països llatins, més avançats en la discussió, portant la necessitat d'un discurs propi i contrari a l'eliminació dels rastres. És igualment interessant observar que aquesta associació entre l'oblit produït pel relleix i la memòria històrica es troba ja en el mateix Freud:

> É universalmente reconhecido que, no tocante à origem das tradições e da história legendária de um povo, é preciso levar em conta esse tipo de motivo, cuja meta é apagar da memória tudo o que talvez seja penoso para o sentimento nacional. (Freud, 1987: 137).

Sobre aquest aspecte, l'anàlisi de la violència en el text de Rosa —situat a la intersecció entre *el món barrejat*, *el món en rebel•lió* i

fins i tot allò *immund de la bogeria*, de la desobediència percebuda per Medeiro Vaz, de l'"assossec impossible, des que allò immund de bogeria va pujar les serralades i es va escampar pels generals" (Rosa, 2001: 60)— l'anàlisi de la violència s'insereix, d'aquesta manera, actualment en despertar determinades veritats adormides, per molt banals que ens semblin, com: "qui controla el passat, controla el futur"[5]. I d'altres, de fet, tampoc *fàcils*, però que igualment semblen *íntimes* en el context brasiler, com la idea de Marx que la història es repeteix "el primer cop com una tragèdia" —en la violència de l'*absència de llei* del sertão— "i el segon cop com una farsa" (Marx, [s. d.]) —en la *llei de la selva*, avui, a les grans ciutats—. Però, sobretot, el text s'esbossa com una possibilitat de mediació i de simbolització, en insinuar i en ocupar l'espai intermedi, entre la crítica i la utopia, de la creació d'una *tercera llei*, construïda mitjançant un acord amb la participació de tots els segments involucrats.

NOTES

5 | Frase d'Orwell a *1984*, que consta com a epígraf del llibre *O Que Resta da Ditadura* ("El que resta de la dictadura"), d'Edson Teles i Vladimir Safatle (Teles, E.; Safatle, V., 2010).

Bibliografia

BENJAMIN, W. (1986): *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I*, São Paulo: Brasiliense.
BENJAMIN, W. (2007): *Passagens*, São Paulo: Editora UFMG.
BOLLE, W. (1994-95): «Grande Sertão: cidades», *Revista USP*, nº 24, 80-93.
BOLLE, W. (2004): *Grandesertão.br*, São Paulo: Duas Cidades.
BORGES, J. L. (2007): *Ficções*, São Paulo: Companhia das Letras.
CUNHA, E. (2005): *Os Sertões*, Rio de Janeiro: Lacerda.
CUNHA, E. (2005a): *À Margem da História*, São Paulo: Martin Claret.
FREUD, S. (1970): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XI.
FREUD, S. (1976): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII.
FREUD, S. (1987): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. VI
FREUD, S. (1988): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII.
GAGNEBIN, J. M. (1982): *Walter Benjamin*, São Paulo: Brasiliense.
GRYNZPAN, M. (2002): «Da Barbárie à Terra Prometida: o Campo e as Lutas Sociais na História da República» em Gomes, A. C. *et al*. (orgs.), *A República no Brasil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 116-155.
HOLANDA, S. B. (1995): *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
LACAN, J. (2008): *O Seminário. Livro 3: As Psicoses*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
MARX, K. (s/d): «O 18 Brumário de Luis Bonaparte», Domínio Público, <http://www.dominiopublico.gov.br>, [30/07/2010].
PERRONE-MOISÉS, L. (2000): *Inútil Poesia e Outros Ensaios Breves*, São Paulo: Companhia das Letras.
ROSA, J. G. (1988): *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001): *Grande Sertão: veredas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001a): *Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
SCHWARZ, R. (1977): *Ao Vencedor as Batatas*, São Paulo: Duas Cidades.
STARLING, H. (1999): *Lembranças do Brasil: Teoria, Política, História e Ficção em Grande Sertão: veredas*, Rio de janeiro: Revan, UCAM/IUPERJ.
TELES, E. e SAFATLE, V. (orgs.) (2010): *O Que Resta da Ditadura*, São Paulo: Boitempo Editorial.
WISNIK, J. M. (2002): «O Famigerado», *SCRIPTA: Revista de Literatura do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da Puc Minas*, nº 10, vol. V, 177-197.

#06

MUNDU NAHASIA, MUNDU ASALDATUA: GUIMARÃES ROSAREN *GRANDE SERTÃO: VEREDAS*, ELEBERRIAN INDARKERIA DELA

Patricia Carmello
Río de Janeiroko Unibertsitate Federala
pscarmello@gmail.com

Aipatzeko gomendioa || CARMELLO, Patricia (2012): "Mundu nahasia, mundu asaldatua: Guimarães Rosaren *Grande Sertão: veredas*, eleberrian indarkeria dela eta" [artikulua linean], *452ºF. Literaturaren teoria eta literatura konparatua aldizkaria*, 6, 92-104, [Kontsulta data: dd/mm/aa], <http://www.452f.com/pdf/numero06/06_452f-mono-patricia-carmello-eu.pdf>
Ilustrazioa || Mar Olivé
Itzulpena || Roberto Serrano
Artikulua || Jasota: 21/06/2011 | Komite zientifikoak onartuta: 15/11/2011 | Argitaratuta: 01/2012
Lizentzia || 3.0 Creative Commons lizentzia Aitortu - ez merkataritzarako - lan eratorririk gabe

Resumen || Guimarães Rosaren *Grande Sertão: veredas* eleberriko indarkeriaren azterketak azaleratzen ditu garai hartako Brasilgo gatazka historikoak, herria eta hiriaren artean kokatuta, gobernua eta herrialdeko barnealdeko bizi-lagunen artean, Garaileek eta Historiak ahaztu dituzten pertsonen artean. Horrez gain, indarkeriaren gaia honako tentsioan sortzen da, *igarotzen ez den* oroimenaren, errepresioarekin erlazionatua, eta gogoratzea merezi ez duen *pobreziaren* esperientziaren artean.

Hitz gakoak || Literaturaren Teoria | Guimarães Rosa | indarkeria | oroimena.

Abstract || The analysis of violence in Guimarães Rosa's novel *Grande Sertão: veredas* reveals references to the Brazilian historical conflicts of that time, situated between town and country, the government and people of the country, the Winners and the Forgotten people of history. Furthermore, the theme of violence comes at a tension between a memory not forgotten, related to the repression, and the *poverty of experience* that's not worth remembering.

Keywords || Theory of Literature | Guimarães Rosa | violence | memory.

O grande sertão é a forte arma. Deus é um gatilho?
João Guimarães Rosa

Berrogeita hamarreko hamarkadan –orduko presidentearen, Juscelino Kubitscheck, *berrogeita hamar urte bostean* lelopean garapen proiektua pil-pilean zegoela, eta honen punturik altuena hiriburu berriaren eraikuntza izan zela, estrategikoki herrialdeko erdigunean kokatu zen Brasilia, hain zuzen–, hirien hazkundea hain bizia zela ikusita, bitxia da Guimarães Rosaren arreta historiak ahaztu zituen haiengana bideratzea. Nortzuk dira horiek? Idazlearen eleberrian herrietako pertsonaiak, barnealdeko eta zaharturiko Brasil bateko bizi-lagunak, herrixka umiletan, etxaldetan, landetan isolaturiko txaboletan edo ibai ertzetan bizi ziren pertsonak agertzen dira. Zoroak dira, adibidez «Sorôco, sua mãe, sua filha» ipuinean bezala (Rosa, 1988), arrotzak, «A Menina de Lá» ipuinean bezala (1988), edo soldatapeko langileak, mestizoak, bide-lapurrak eta prostitutak dira (Starling, 1999: 16).

Laburbilduz, desterru eta babesik gabeko irudiak dira, esaterako Miguilimek (Rosa, 2001) bukatzen du bere haurtzaro zorigaiztokoa hiri batera bizitzera eraman zutenean... *Euclides da Cunha* (2005) ipuineko pertsonaiak *Historiatik at* geratu ziren horien ordezkariak dira, ez kasualitatez. *Os Sertões* (2005) lanean ere Rosak honako gaiak erabiltzen ditu: erbesteratzea, natura ezkutu eta jorian atzerritarra izatea, baita Canudosen historiari aipamenak egiten dizkio ere. Dena dela, *Grande Sertão: veredas*[1] eleberriak unibertso berean biltzen ditu baztertuta dauden izaki hauek guztiak, hondakinak, Brasil garaikideak leku egokia eskaintzen ez dienak (Starling, 1999: 16), fikzioaren bidez *beste* historiako pertsonaia nagusiak bihur daitezen.

Puntu honetatik hasita, nahitaezkoa da zera azpimarratzea, Rosaren eleberrian nola agertzen diren herrialdeko historiari buruzko aipamenak, ez dira ekintza isolatuak, baizik eta pasarteak, beti gogoratzen ari den pertsona baten subjektibotasunari lotuak: Selorico Mendesek gogoratzen du Januária eta Cariranharen inbasioa, 1979. urtean, eta Prestesen zutabea nola igaro zen, zutabeak utzi zuen aztarna narratzailearen lekukotasunaren bidez aipatzen da: «Muitos anos adiante, um roceiro vai lavrar um pau, encontra balas cravadas» (Rosa, 2001: 114).

Hemen, garrantzizkoa ez da *gertaeraren* suposatutako objektibotasunaren lerroa, baizik eta narratzailearen eta beste pertsonaien oroimenen fikzioan azaleratzen dena, hondarrak bezala, Brasilgo zatiak, aintzira eta osagai fantastikoetan urtuta, narratzaileak berak, narratzeko ez-gauza dela ulertzen duenean, beste inork baino hobeto deskribatzen duen moduan: «retrato de pessoas diversas, ressalte de conversas tolas, coisas em vago...»

OHARRAK

1 | Hemendik aurrera eleberria aipatzean *GSV* siglak erabiliko dira, aipamen errepikatzaileak ekiditearren.

(Rosa, 2001: 221).

Idazleak bere garaiaren gainean duen ikuspegiak Walter Benjaminen Historiari buruzko kontzepziora garamatza, honen helburua «peinar la historia a contrapelo» izango litzatekeela (Benjamin, 1986: 225). Filosofoak dioenez, hauxe da historiagile materialistaren zeregina, historiagile hutsarena ez bezala (hark historiak egitateen kate lineala marrazten du), bada, historiako garaileekin enpatia harremana ezartzea saihesten duelako eta iragan ahaztu eta garaituaren bidez «despertar no passado as centelhas da esperança» bilatzen duelako (1986: 224).

Historiagilearen zereginak, Benjaminen ustean, hiru aldiak jokatzen dituen denborazkotasuna dakar, bertan iraganak lotura zuzena dauka orainaldi eta etorkizunarekin, Jeanne Marie Gagnebinen aburuz (1982) *iraganaren etorkizuna* da, gerta zitekeenarena, edo ahanzturatik berreskuratu behar dena: «aquilo que teria podido fazer da nossa história uma outra história» (1982: 60). Herrialdeko historiara modu honetan itzulita, Guimarães Rosak orokorrean Benjamin, Freud eta Proustek azaldu zuten ikuspegiarekin bat egiten du (nahiz eta norberak bere erara ikuspegia garatu): «da mesma convicção de que o passado comporta elementos inacabados; e, além disso, que aguardam uma vida posterior, e que somos nós os encarregados de fazê-los reviver» (1982: 71).

Berez, Rosaren eleberriko *historiaren segizio arranditsuaren* irudi ukaezina aurrerapen anitzetan datza, hirien martxa, aurrerapena eta eskualdearen gainean *gobernuak daukan makina*: «Ah, tempo de jagunço tinha mesmo de acabar, cidade acaba com o sertão. Acaba?» (Rosa, 2001: 183). Idazleak birformulatzen du gatazka egitura berezi honen bidez, baieztapen bakoitzaren ondoren erantzunik ez duen galdera dator, eta honek aurrerapenaren pausoan mozketa sortzen du[2], hiria eta herriaren arteko talkaren prozesuari dagozkion dialektika eta mugimendua agerian utziz, gobernuaren legea eta herri armatuaren legearen arteko gatazka agerian jarriz, soldaduen eta bidelapurren arteko guda nabarmenduz, azken hauen ikuspuntua lehenengoekiko harremanetan azaltzen delarik:

> Mas, quem era que podia explicar isso tudo a eles, que vinham em máquina enorme de cumprir o grosso e o esmo, tendo as garras para o pescoço nosso mas o pensante da cabeça longe, só geringonciável na capital do Estado? (Rosa, 2001: 319).

Narratzailearen begirada kritikoan bereizten da utopia eta kritikaren nahaste bat, garai hartan indarrean zegoen modernizazio prozesua zela eta, Riobaldok ere amets egiten du hirian soilik posiblea den *hiritarrekin, una tercera orilla* ipuinean azaleratzen den hiri batean, eskualdea eta hiri zapaltzailea baino zuzenagoa: « mas eu tinha

OHARRAK

2 | Leyla Perrone-Moisések narratzailearen diskurtsoaren ezabaketaz hitz egiten du, laconiarren moduko zentzu batean, «Lá, nas Campinas», ipuinaren amaieran, Rosa aipatuz, zentzuaren eza azpimarratzen du, zentzu berriak sortzeko ezintasuna: «Mas não acho as palavras» (Perrone-Moisés, 2000: 278).

raiva surda das grandes cidades que há, que eu desconhecia. Raiva –porque eu não era delas, produzido...» (Rosa, 2001: 533). Irudi kritikoek fusileraino helduko ez den promesa batez hitz egiten digute, heltzen ez diren trenez, zubirik eza eta *jauna* bizi den hiriaren arteko kontrasteaz: «o carro-de-bois, levam muitos dias, para vencer o que em horas o senhor em seu jipe resolve. Até hoje é assim» (2001: 118).

Garai bakoitzak sekretu bat ezkutatzen baldin badu, Benjaminek dioen bezala (1986: 40), egileak bere fikzioan historiaren idazketa berria eraikitzen du, alderantziz, garaiaren garapenean diskurtsoak galdu dituen zenbait sekretu agerian utzita, hala nola hiria eta herriaren arteko oposaketan dagoen indarkeria, zaharraren eta modernoaren arteko gatazka, leku guztietan modu berean ez doan hazkundea eta herrialdeko barnealdeko pertsonaien eta gobernuko *tresneria urrutikoaren* arteko elkarrizketa eza.

Narratzaileak gerrako xehetasunak deskribatzean etengabe azaleratzen duen kritikaren hisia bizitzaren neurri objektibo batekin parekatzen da, beraz ez du merezi xehetasunik gogoratzea: «Vida, e guerra, é o que é: esses tontos movimentos» (Rosa, 2001: 245), berez, gerrako oroimenek osatzen dute haren kontakizuna: «o senhor exigindo querendo, está aqui que eu sirvo forte narração – dou o tampante, e o que for– de trinta combates. Tenho lembrança» (2001: 245). Ez da bere burua barkatzeko gauza, krimen propioak aztertzekotan, egin zituen bi abusu sexualak barne (2001: 189), garaian nabarmentzen den indarkeria guztiz gaitzetsiz, Zé Bebelo lagunarekin batera, eskualdea bakean zegoelako ametsarekin: «A gente devia mesmo de reprovar os usos de bando em armas invadir cidades, arrasar o comércio, saquear na sebaça» (2001: 147).

Hau dela eta, zera azpimarratu behar da, pertsonaia hauengana idazlearen *begirada* dela eta, historian bide-lapurren ikuspuntua sartzeak ez du esan nahi testua inozoa denik; ezin da esan, era berean, idazlearen ikuspegia *sentikorra* denik, lapurrak ez dira indarkeriaren biktima hutsak:

> Remorso? Por mim, digo e nego. Olhe: légua e outra, daqui, vereda abaixo, tigre cangussú estragou e arruinou a perna do Sizino Ló, [...]. Comprou-se para ele, então, uma boa perna-de-pau. Mas, assim, talvez por se ter sacolejado um pouco do juizo, ele nunca mais quer sair de casa, nem se levanta quase do catre, vive repetindo e dizendo: «Ái, quem tem dois tem um, que tem um não tem nenhum...» Todo o mundo ri. E isso é remorso? (Rosa, 2001: 233).

Agerrarazten den erabakiak, *gerra kontatzearen edo gauza garrantzitsuak kontatzearen* artean, badirudi oroimena oraingo errealitatearekin aldentzen duen desberdintasuna iradokitzen duela, gerraren oroimenei balioa kentzeaz gain, gerrako edukiak balioa

galtzen du eta. Berez, oroimenean zauri moduan geratzen dena egon daiteke, ala ez, gerrarekin lotuta. Hala ere, ukaezina da indarkeria Gaizkiaren problematikan gauzatzen dela, eta batez ere gehiegikeria[3] bezala gertatzen den zerbaitekin lotutako zauri moduan azaleratzen da. Gertaerak beti egiten die ihes irudimenari eta oroimenari, jasan den ororen zabalerak oroimenetik ihes egiten du eta (Rosa, 2001: 418), lapur ohiak zalantzan jartzen du Gaizkiarekin erlazionatzen den guztia ahazteko aukera dagoenik:

> Informação que pergunto: mesmo no Céu, fim de fim, como é que a alma vence se esquecer de tantos sofrimentos e maldades, no recebido e no dado? A como? O senhor sabe: há coisas de medonhas demais, tem. Dor do corpo e dor da idéia marcam forte, tão forte como o todo amor e raiva de ódio (Rosa, 2001: 37).

Mundu nahasia, mundu asaldatua

Beraz, indarkeriak alde batetik bestera zeharkatzen du testua, herria eta hiriaren arteko gatazka ahaztuak ekarriz, hiriko legea eta eskualdeko ohitura. Rosaren testuko indarkeria zauria eta huskeriaren artean kokatzen da, fikzioa eta historiaren artean, areago, gogoratu eta ahaztu behar denaren artean. José Miguel Wisnik kritikariak hauxe azpimarratzen du, idazlearen lanean ikus daitekeen indarkeriaren sustraia kultura brasildarraren kontu berezia da, legearen gabezia bikoitza (edo legea bikoizten duena), eta hau ez dagokio zoriari edo edozein legek oinarrian duen hutsuneari, baizik eta lege ezari, zeinek «não faz sentido na formação ancestral brasileira» (Wisnik, 2002: 184) eta, beraz, gauzatu behar da honen singulartasunaren barruan.

Schwarzen «As idéias fora do lugar» (1977) lanean adierazten denaren arabera, eta *Raíces de Brasil* (Holanda, 1995) lanean ukitzen diren kontraesanen arabera, Brasilgo historian balegoke errepikatzen den eta enigma moduan geratzen den zerbait, «entre a violência e a retórica» (Wisnik, 2002: 184), bertan lege komuna ezartzeko saioa, indar basatiaren gainean mugak jartzeko gai, elkarrekin bizi da eskualdeko *indartsuenaren legearekin*: «Sertão. O senhor sabe: sertão é onde manda quem é forte, com as astúcias» (Rosa, 2001: 35).

Wisniken abiapuntua Guimarães Rosaren «Famigerado» ipuina da, *Primeiras Estórias* (1988) bildumakoa, bertan indarkeria —*GSV* lanean ez bezala— mehatxu zirriborrotsua da, baina ostera ere lapur bat, eskualdekoa, legegizon batekin, hirikoa, hitza edo esperientzia argituko dion zentzua bilatzen ari da. Idazlea eskualdetik hirira pasatzeko kontuaz ari da, eskualdeko *legearen ezaz* eta hiri brasildarrean falta den legeaz, ipuinaren mamia den *gosetia* hitzaren inguruan elkar ulertzeak (edo ez ulertzeak) sortzen duen egoeran.

OHARRAK

3 | «Além do Princípio do Prazer» ipuinean, gehiegikeriaren ideia eta subjektuak zaurian duen finkotasuna aurki daitezke, Freudek berrartu zuen proposamena, «os histéricos sofrem principalmente de reminiscências» (Freud, 1976: 24).

Damázio lapurraren galdera zirikatzailean –São Ãoko mendizerratik hirira doan gizona, medikuari, istorio honetako narratzaileari, gobernuko funtzionario buru-zoro batek zuzendu zion *goseti* hitzaren esanahia galdetzeko– umorez, baten eta bestearen "arma desberdinak" (Wisnik, 2002: 181) aipatzen dira: «um homem cuja linguagem é a da faca e a da bala está suspenso pelo fio sutilíssimo de uma palavra, podendo no entanto, e a qualquer momento, cair matando» (2002: 181). Behin hirukotea osatuta, lapurra, gizon kultua eta gobernuko funtzionarioa, hemen gure istorioko intelektualaren eta ideien arteko lekua azaleratzen da, *balaren boterea* eta botere politikoaren artean, guztion hitzarmena lortzeko lekua izan zitekeen, basakeria mugatzeko gauza litekeen legea ezartzeko gune sinbolikoa izan zitekeen.

Duelua «As Margens da Alegria» (Rosa, 1988) eta «Os Cimos» (1988) liburuen lehen eta azken ipuinen argipean gauzatzen da, bertan, salbuespen bezala, Rosak erakusten duen landako ikuspegia alderantziz agertzen da eta pertsonaia nagusia, umea, «lugar onde se construía a grande cidade» (1988: 7) lekura doa, Brasiliako eraikuntzari egindako aipamena, 1960. urtean inauguratu zen, ipuinak kaleratu baino bi urte lehenago. Beraz, gatazkaren gunean kokatzen den eszenatokian gauzatzen da elkarrizketa, eraikuntzaren proiektuaren inguruan sortzen diren kontraesan guztiekin batera, hiria herrialdeko barnealdera eramango duen programa modernizatzaile baten ikurra, bertan botere politikoa ezarriko delarik.

Idazlanak kokatzeko Rosaren eszenatoki kutunak, landak hain zuzen, ipuinetan erakusten duen lekua, historikoki Brasilen, Canudoen gerraz geroztik, bizilagun ugariri eragin zioten gatazka bortitzak garatu diren lekua da, guk daukagun irudiarekin bat ez datorrena, «um caráter pacífico e ordeiro» (Grynzpan, 2002: 154). Ipuin haien tematikak irauten du *GSV*-em eta, Wisniken ustez (2002), gure historian zaharkitutik modernora igarotze *traumatiko* batekin lotzen da, hor irudikatzen ez den zerbaitekin, *mundu nahasia* sortuko zuen zerbaitekin, Riobaldoren kexutik, *larresoroak banatzeko* momentuan, hau da gaizkia eta ongia banatzeko momentuan, agerian geratzen dena (Rosa, 2001: 237):

> Mas o que se decanta nesses contos é mais um trabalho de luto, nem apologético nem saudosista, onde a saudade é mais funda e inclui o futuro —o desígnio irresolvido que persiste na mudança. A questão aqui não é a passagem sucessiva do arcaico ao moderno, mas a persistência de um no outro (Wisnik, 2002: 179).

Melankoliak, aipatu beharra dago, esaterako *GSV*-en, «à qual não se entregam» (Wisnik, 2002: 179) pertsonaiek jasaten ez dutena, ez du baztertzen alaitasunaren esperientzia, hala ere *albo batean* edo *aldizka* agertzen da, kritikariaren ustez ipuinaren amaierako ipurtargi

baten argiaren moduan. «Famigerado» narrazioan, Rosak hitzaren esanahiaren anbiguotasuna lantzen du umorez, esanahi guztietan ager daitekeen anbiguotasuna, hau da, hitzaren erabilerak eraman dezake jatorrizko esanahiaren kontrako esanahi batera, Freudek proposatzen duen bezalaxe (1970; 1988). Brasileko testuinguru historikoaren beste kontraesanekin batera, anbiguotasun honek ebatsi ez den bikoiztasuna erakusten du. Berez, hitza gure jatorritik pilaturiko esperientziatik bananduz gero, lotura-kate baten zehar labaintzen da, hauskor bihurtzen da: «fasmisgerado... faz-me gerado... falmisgerado... familhas-gerado...» (Rosa, 1988: 15).

Hala ere, hitzaren esanahi neutrotik laudoriora pasatzeko saioan, ahoskatzean erabili zen zentzu negatibo posiblea ezkutatzen da: «Famigerado? Bem. É: "importante", que merece louvor, respeito» (1988: 16), gizon kultuak egoera (literalki) orokorra errepikatzen du, bertan hitzak apaingarriaren balioa hartzen du, era berean zentzu praktikoa galduz (Schwarz, 1977), adimena "hornidura" bihurtzen da (Holanda, 1995: 84). Hitz jarioak indartsuenak entzun nahi duena esaten du... *konpromisoko osaketa* moduan egina, adimenak gure iragan historikoan aurkitua, bi betebehar kontrajarriei erantzuteko asmotan (atakatik bizirik atera eta gizaki xumeei azalpenak eman) gertaeran dagoen indarkeria enfasian, ahanzturan, gure *lekuz kanpoko ideien* historiaren parodia antzean mantentzen du.

Formulazio honen barruan badago ere Lacanek sortu zuen kontzeptua, Aitaren Izenaren «forclusión» deritzona, egitura psikotiko bati dagokion legearen instantzia eta (modu erraztuan) hitza sinbolikoki inskribatzen ez denez berau errealitatetik eldarnio eta sukar-ametsetara itzultzen da, psikosirantz eramaten du, hitza haren *gauzaren* balioan hartzen den egoerarantz. Hori egiaztatzen da, esaterako, eldarniozko egituren ziurtasun erabatekoan, itsuan (Lacan, 2008). Ikerketa soziologikoek seinalatzen duten antzeko zerbait: kultura brasildarraren osaketan hitzaren balioa apainketara, horniketara eramaten da; ipuinaren amaieran, Damázioren pentsaera zalantzatiak hauxe erakusten omen du, Wisnikek aipatu moduan, agintarien erakusle bati buruzko hausnarketan, kasu honetan gobernuko funtzionarioa: «Sei lá, às vezes o melhor mesmo, pra esse moço do Governo era ir-se embora, sei não» (Rosa, 1988: 17).

Eta, areago, *konpromisoaren osaketa* dela eta, Sérgio Buarque de Holandak erakusten du nola azukregileen graziaz geroztik begikotasuna, goxotasuna bihurtuko den izaera nazionalaren ezaugarri, jatorrian oinordekotza iberiarra eta afrikarra biltzen zituen *salda* batez osatzen den, esklabokeriaren aurka. Prisma honetan begikotasunak indarkeria onartzen du, haren aurrean hil ez dadin, ezkutatzen duelarik (Holanda, 1995: 61).

Brasilia aipatzen duten ipuinetan, hizkuntzaren tartekatze ez-

sinboliko hau ikusten da ume baten begietan, naturaren munduaren eta zibilizazioaren etorreraren artean, «incessante alegria»n (Rosa, 1988: 9), naturaren *itxuraldaketa* «paisagem de muita largura»n (1988: 9) Peruren ikusmenean eta Gaizkiaren aurkikuntzan «no mundo maquinal, no hostil espaço» zehazten da (1988: 10) aireportuko eraikuntza lanetan, «entre o contentamento e a desilusão, na balança infidelíssima, quase nada medeia» (1988: 10).

Beraz, Brasilgo gizartearen osaketaren jatorrian balegoke mozketa sinboliko baten eza edo porrota, hizkuntzaren bidez, bitartekaritzaren bidez esperientzian bereizketa egingo lukeena. Gauzatu ez zenez, hala ere, ekintzetan indarkeria moduan itzultzen da, ez sinbolo moduan, eta honek eragiten du legea eta krimena, polizia eta lapurra, publikoa eta pribatua maila berean onartzen direla eta horregatik gaur egun ere hiriko legea *oihaneko legearen* antzekoa da...

«As margens da Alegria» ipuinean (Rosa, 1988), pasarte honetako indarkeria, kolektiboan ez sinbolizatua, Wisnikek azpimarratzen duen bezala (2002), Niñok nabarituko du subjektiboki, «o inaudito choque» bezala (Rosa, 1988: 11), zauri bat bezala, gehiegikeriaren barruan orden apur bat baimentzen duen neurrian, ezustea nagusia den eta haustura dakarren egoera batean (Freud, 1976: 47), hemen zuhaitzak mozteko esperientziarekin parekatzen den banaketa:

> Mostraram-lhe a derrubadora, que havia também: com à frente uma lâmina espessa, feito limpa-trilhos, à espécie de machado. Queria ver? Indicou-se uma árvore: simples, sem nem notável aspecto, à orla da área matagal. O homenzinho tratorista tinha um toco de cigarro na boca. A coisa pôs-se em movimento. Reta, até que devagar. A árvore, de poucos galhos no alto, fresca, de casca clara... e foi só o chofre: *ruh*... sobre o instante ela para lá se caiu, toda, toda. Trapeara tão bela. Sem nem se poder apanhar com os olhos o acertamento —o inaudito choque— o pulso da pancada. O Menino fez ascas. Olhou o céu —atônito de azul. Ele tremia. A árvore, que morrera tanto (Rosa, 1988: 10-11).

GSV narrazioan, berriz, Riobaldok legearen eza sentitzen du aginpide politiko baten eskutik igaro eta banaketa, muga ezarri ahal zuen zerbait bezala, *deabrua*, kaosaren ikurra, eta *mundu nahasia* existitzen ez direla baieztatzen duen muga, hain zuzen:

> Olhe: o que devia de haver, era de se reunirem-se os sábios, políticos, constituições gradas, fecharem o definitivo a noção —proclamar por uma vez, artes assembléias, que não tem diabo nenhum, não existe, não pode. Valor de lei! [...] Por que o Governo não cuida?! (Rosa, 2001: 31).

Eskualdeko *Indartsuenaren legea* lapurraren salaketan laburbiltzen da, Zé Bebeloren epaiketan: «Lei de jagunço é o momento» (2001: 284), «é a misericórdia de uma boa bala» (2001: 284). «Costume velho de lei» (2001: 276), koronel guztien koronelaren aginduz,

lurjabe handien eta bandoen buruzagien arteko itun politikoen emaitza, Selorico Mendesek Riobaldo babestuari jakinarazten dio:

> Ah, a vida vera é outra, do cidadão do sertão. Política! Tudo política e potentes chefias [...] Mas, adiante, por aí arriba, ainda fazendeiro graúdo se reina mandador —todos donos de agregados valentes, turmas de cabras do trabuco e na carabina escopetada! (Rosa, 2001: 127-128).

Lurjabeak erakusten diona hauxe da, *Mundu asaldatuan*; araua jadanik desitxuratuta jaiotzen den lekuan, lapurrak badira «ordeiros»ak (2001: 128), hau da, ordenzaleak, sistema konplikatu hartan nolabaiteko oreka mantentzeko arduradunak, agintzen eta obeditzen duten horien artean ekinez, *ez dagoen legea* sortuz, harrapatzen lagunduz eta aginpide guztiz pertsonalaren bidez *epaia emanez*. Adibidez, aita hiltzeko biltzen diren anaien kasua, lehenago aitak haietako bati bestea hil zezan agindu ziolako. Lapurren eskutan, biek jasotzen dute orduko buruzagiaren barkamena, Zé Bebelo, lapurrek ez zeukaten idi-taldea mantentzeko baldintzapean. Zé Bebeloren epaiketan, buruzagi bakoitzak bere epaia ematen duenean, justizia egiteko kolektibizazio saioa iradokitzen da, *hirugarren lege* baten zirriborroa osatzen da, bertako balaren ohituraren eta urrutiko gobernu batek inposatzen duen legearen artean...

Aurreko baldintza berberak agertzen dira Zé Bebeloren proiektuan, lapurren munduarekin amai zezaten: «Dizendo que, depois, estável que abolisse o jaguncismo, e deputado fosse, então reluzia perfeito o Norte, botando pontes, baseando fábricas, remediando a saúde de todos, preenchendo a pobreza» (2001: 147). Bakea gerraren bidez lortzeko ironia, gobernuko laguntzaz lapurrekin akabatzeko proposamena –Canudosen gerrarekin parekatuz, lapurrek gobernuko tropak hiru aldiz garaitu zituzten kanpalekua suntsitu baino lehen– Bebeloren oihuan nabarmentzen da, borroka osteko garaipen bakoitzean: «Viva a lei! Viva a lei...!» (2001: 93).

Eleberrian eskualdea forma aldetik elkarrizketa moduan proiektatuz, bertan lapurrak hitz egin eta jauntxoak entzuten duelarik, Guimarães Rosak berriro ekartzen digu Canudosen[4] egon ez zen elkarrizketa, baita gure kulturaren jatorrian, bitartekaritzan egon ez zen ikurra, mugimenduan dauden aurkari hauek solasean jartzen dituen irudi alegiazkoa:

> Na conversa entre o narrador sertanejo, o velho fazendeiro e ex-jagunço Riobaldo e seu visitante, um jovem doutor da cidade, são tematizados as diferenças, os conflitos e os choques culturais, mas também as interações, os diálogos e o trabalho de mediação (Bolle, 2004: 39-40).

Elkarrizketa honetan, *Raíces de Brasil* (Holanda, 1995) eta «Famigerado» (Wisnik, 2002) narrazioak irakurri ostean –bertan esklabokeria, gure indarkeriarik *barnekoena eta nabarmenena* eta

OHARRAK

4 | «Solo faltó una conversación». João de Régis hiritarraren esaldi honekin, agintarien eta Arraial de Canudoseko hiritarren arteko elkarrizketa eza dela eta, Bahia eskualde barruan, 1896 eta 1897 bitartean –armada brasildarrak eskualdeko bizilagunen sarraskia eta 5.200 etxe suntsitu zituenean, hiru espediziotan porrota jaso eta gero– Willi Bollek *Gran Sertón* izeneko ikerketari ekin zion (Bolle, 2004: 17).

gure iragan ahaztua agertzen direla– azpimarragarria da *jauna* hitza, eleberrian hasieratik amaieraraino agertzen dena, era berean nola har daitekeen lapurra, esklaboaren aldean erabiltzen den izendapen bezala, betiko *sinhô*, jakinduria eta abereak zituen jauna, *antzinako betebehar* honen aitalehena, hitzak duen esanahi bikoitzean, bai *mitikoa* bai *errudimentuzkoa* (Holanda, 1995: 49; Bolle, 2004: 282-306). Hainbeste denbora igaro ostean ikus daiteke nola Riobaldok *catrumanoen* lekua hartzen duen, eskualdean ezkutatu ziren esklabo ohien ondorengo posibleak, eta haiek hitz egin ohi zuten hizkuntza arraroan *jaunari* zuzentzen zaio: «Tudo isto, para o senhor, meussenhor, não faz razão, nem adianta.» (Rosa, 2001: 546).

Honela, gure herrialdea sortu zen eraketan, gure *jatorriaren irudikerian* eskua sartuz, testuak natura eta jatorriari buruzko kontzeptu idealizatu guztiekin zerikusia duten fantasiak eta etorkizuneko herrialde baten ideiari lotzen zaion modernotasunaren ilusioak ekartzen ditu. Zentzu honetan esan daiteke *GSV* eleberriak herrialdeko "amets kolektiboen" (Bolle, 1994-1995: 92) oroimena sustatzen duela, historiako hondakinen bidez. Baina, era berean, esnatzea posiblea den zerbait bezala aurkezten du, «recordar aquilo que é mais próximo, mais banal, mais ao nosso alcance» (Benjamin, 2007: 434) iragana orainaldiaren eta etorkizunaren arabera berreraikiz.

Alde batetik gaur egun *oroimenaren kultura bereizi gabekoari egiten* zaion kritikak pentsatu arazten digu super-oroimenaren amuaz –Funesek, *el memorioso*, Jorge Luis Borgesen pertsonaiak (2007) aurreikusten zuen bezalaxe– Rosaren testu kritikoak parte hartzen du Brasilgo oroimen kolektiboaren eztabaidan (*hondamendia eraikuntzaren* aurretik datorrelarik) eta Hego Amerikan. Geroago, Brasilen, diktaduraren ahanzturaren politika oraindik erabiliko zuten testuinguru globalizatua ez den indarren joko batean, areago, beste herrialde latinoen moduan, eztabaidan aurreratuagoak, diskurtso propioaren beharra ekarriko zuten, arrastoak ezabatzearen aurka. Era berean interesgarria da nabarmentzeak sorturiko ahanztura eta oroimen historikoa elkar lotze hau jadanik Freudengan zegoela ikustea:

> É universalmente reconhecido que, no tocante à origem das tradições e da história legendária de um povo, é preciso levar em conta esse tipo de motivo, cuja meta é apagar da memória tudo o que talvez seja penoso para o sentimento nacional. (Freud, 1987: 137).

Hari honetan, Rosaren testuan agertzen den indarkeriaren azterketa, *mundu nahasiaren* bidegurutzean jarrita, *mundu asaldatuan*, edo areago, *zoramenaren zikinkerian*, Medeiro Vazek azpimarratu zuen desobedientzian: «impossível qualquer sossego, desde em quando aquele imundo de loucura subiu as serras e se espraiou

nos gerais» (Rosa, 2001: 60) –beraz, indarkeriaren azterketa gaur egun egia lokartuen esnatze prozesuan sartzen da, egia hauek huskeriak direla iruditzen bazaigu ere, esaterako: «quem controla o passado, controla o futuro»[5]. Eta beste batzuk, *errazak* ez direnak baina brasildar testuinguruan *barne barnekoak* ematen dutenak, adibidez Marxen ideia, historia errepikatzen dela, "lehenbizi tragedia bezala" –eskualdeko *legearen ezean* ematen den indarkeria– "eta bigarrenez fartsa bezala" (Marx, d/g) –gaur egun hiri handietan ematen den *oihanaren legea*–. Baina, batez ere, testua zirriborratzen da bitartekaritza eta sinbolizatzeko aukera eskainiz, kritika eta utopiaren arteko esparrua iradoki eta betetzen duenean, *hirugarren legea* sortzeko, parte hartzen duten alde guztien hitzarmenaren bidez.

OHARRAK

5 | Orwellen esaldia, *1984an*, Edson Telesen eta Vladimir Saflateren *Lo que queda de Dictadura* liburuan goiburu bezala agertzen da (Teles, E.; Safatle, V., 2010).

Bibliografia

BENJAMIN, W. (1986): *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas I*, São Paulo: Brasiliense.
BENJAMIN, W. (2007): *Passagens*, São Paulo: Editora UFMG.
BOLLE, W. (1994-95): «Grande Sertão: cidades», *Revista USP*, nº 24, 80-93.
BOLLE, W. (2004): *Grandesertão.br*, São Paulo: Duas Cidades.
BORGES, J. L. (2007): *Ficções*, São Paulo: Companhia das Letras.
CUNHA, E. (2005): *Os Sertões*, Rio de Janeiro: Lacerda.
CUNHA, E. (2005a): *À Margem da História*, São Paulo: Martin Claret.
FREUD, S. (1970): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XI.
FREUD, S. (1976): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVIII.
FREUD, S. (1987): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. VI
FREUD, S. (1988): *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*, Rio de Janeiro: Imago, vol. XVII.
GAGNEBIN, J. M. (1982): *Walter Benjamin*, São Paulo: Brasiliense.
GRYNZPAN, M. (2002): «Da Barbárie à Terra Prometida: o Campo e as Lutas Sociais na História da República» em Gomes, A. C. *et al*. (orgs.), *A República no Brasil*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira: CPDOC, 116-155.
HOLANDA, S. B. (1995): *Raízes do Brasil*, São Paulo: Companhia das Letras.
LACAN, J. (2008): *O Seminário. Livro 3: As Psicoses*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
MARX, K. (s/d): «O 18 Brumário de Luis Bonaparte», Domínio Público, <http://www.dominiopublico.gov.br>, [30/07/2010].
PERRONE-MOISÉS, L. (2000): *Inútil Poesia e Outros Ensaios Breves*, São Paulo: Companhia das Letras.
ROSA, J. G. (1988): *Primeiras Estórias*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001): *Grande Sertão: veredas*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
ROSA, J. G. (2001a): *Manuelzão e Miguilim*, Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
SCHWARZ, R. (1977): *Ao Vencedor as Batatas*, São Paulo: Duas Cidades.
STARLING, H. (1999): *Lembranças do Brasil: Teoria, Política, História e Ficção em Grande Sertão: veredas*, Rio de janeiro: Revan, UCAM/IUPERJ.
TELES, E. e SAFATLE, V. (orgs.) (2010): *O Que Resta da Ditadura*, São Paulo: Boitempo Editorial.
WISNIK, J. M. (2002): «O Famigerado», *SCRIPTA: Revista de Literatura do Centro de Estudos Luso-afro-brasileiros da Puc Minas*, nº 10, vol. V, 177-197.